

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

ENSINO MÉDIO

UNIDADE I E II

FONTE: MEC / INEP / ENCCEJA

Prezado aluno (a),

No decorrer dos seus estudos, você deve levar em consideração as seguintes orientações básicas para a escrita correta das palavras, de acordo com a nova ortografia.

- 1- O trema (") foi abolido.Ex: bilíngue.
- 2- Palavras que terminam em óia,óias,óio,eia,éias,éio não são mais acentuadas.Ex: joia, joias, ideia,ideias,apoio.
- 3- Palavras que têm o grupo ei ou oi no meio não são mais acentuadas. Ex: heroico, proteico. Palavras que terminam em eis ou óis continuam com acento. Ex: papéis, herói, heróis.
- 4- Palavras que terminam em êem ou ôo (s) não são mais acentuadas. Ex: deem, creem, deem, voo.
- 5- Agora se escreve pelo, pelos, polo, polos, pera, para (do verbo parar).
- 6- As formas do verbo arguir e redarguir: arguis, argui, arguem, redarguis, redargui, redarguem.
- 7- Passará a ser exigido o uso do hífen nas palavras com prefixos (anti, super, inter, semi, ultra etc.)
 - a) Sempre se usa o hífen diante de palavra começada com H. Ex: anti-higiênico, super-homem, sobre-humano.
 - b) Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra. Ex: micro-ondas, anti-inflamatório.
 - c) Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente com que se inicia a outra palavra. Ex: autoescola, intermunicipal, superinteressante.

Observações:

Se o prefixo terminar por vogal e a outra palavra começar por R ou S, dobram-se essas letras. E: minissaia, ultrassom.

Sempre se usa o hífen com os prefixos ex, sem, além, recém, pós, pré, pró, vice. Ex: ex-aluno, sem-terra, além-mar, recém-casado, pós-graduação.

TUFANO, Douglas. PÁGINAS ABERTAS. São Paulo: Paulos, ano 34, nº 37, 2009.

Sumário

Unidade I	
Publicidade, entretenimento e outros sistemas	01
Débora de Angelo	
Unidade II	
A vida em uma sociedade letrada	17
Maria Luiza Marques Abaurre	

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

UNIDADE I

**PUBLICIDADE, ENTRETENIMENTO E OUTROS
SISTEMAS**

ENSINO MÉDIO

Unidade I

Publicidade, entretenimento e outros sistemas



Olhando para este anúncio, talvez sintamos vontade de comer maçã ou um doce feito da fruta. Mas é curioso: não estamos vendo uma maçã na nossa frente. Chegamos a sentir vontade de comer, uma vez que a maçã desenhada parece apetitosa e o nome da empresa é “Docemel”. Porém, a fruta que está aí é apenas um pedaço de papel desenhado.

É possível, então, afirmarmos que o desenho representou a fruta “real”. Aliás, nesse mesmo anúncio, há uma outra forma de representar a maçã: a palavra. Na expressão “sobremesas de frutas”, sabemos que uma das referidas é a maçã, desenhada ao lado. Assim, temos uma imagem e uma palavra escrita representando a fruta.

E os sons? Se imaginarmos esse anúncio da Docemel no rádio ou na televisão, talvez possamos ouvir o barulho de uma dentada em uma maçã. Novamente, o que temos é uma representação.

Vamos dar um nome para todas essas possibilidades de representar a realidade, que podem ser compartilhadas pelas pessoas: linguagens. O desenho da fruta, a palavra “maçã” escrita, o som da “dentada” no anúncio são objetos que se caracterizam como possibilidades de alguma linguagem.



Desenvolvendo competências

1

Para verificarmos essa ideia de linguagem como forma de representação da realidade, vamos ler os dois trechos abaixo. Neles, dois jornais diferentes apresentam um mesmo assunto: a presença de comerciais inseridos em programas de televisão (o chamado merchandising), de forma mais ou menos implícita.

JORNAL A

MERCHANDISING

Quanto mais discreto melhor

Impulsionado pelos reality shows e novelas, o comercial subliminar ganha novo fôlego e se adapta ao temperamento de apresentadores e roteiristas.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 7 jul. 2002. Caderno Telejornal, p. 4.

JORNAL B

Quanto vale o show?

A publicidade invadiu programas e novelas, para alegria das emissoras e apreensão dos que acham que a prática extrapolou.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 7 jul. 2002. Caderno TVFolha, p. 6-7.
Fornecido pela Agência Folha.

Tendo em vista que as duas reportagens tratam de um mesmo assunto e foram publicadas na mesma data, pode-se afirmar que:

- Apenas o texto “A” levanta os aspectos negativos do merchandising, a partir da opinião de roteiristas e apresentadores.
- Os dois textos transmitem diferentes visões sobre o assunto: em “A” foram levantados os aspectos positivos (marcados pelos termos “melhor”, “ganha” e “se adapta”); em “B”, os negativos (marcados pelos termos “invadiu”, “apreensão” e “extrapolou”).
- Apenas o texto “B” levanta os aspectos positivos do merchandising, a partir da opinião de jornalistas.
- Os dois textos transmitem a mesma visão sobre o assunto: em ambos, verifica-se 20% de aumento no merchandising em programas de TV.

TERRA DE SAMBA E PANDEIRO

As linguagens verbal, visual e sonora não interagem sempre da mesma maneira nos diferentes objetos que integram. Para perceber outra possibilidade de interação das linguagens, diferente do anúncio publicitário, analisemos algumas estrofes da canção Aquarela do Brasil, de Ary Barroso.

Brasil!
Meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
(...)
ô , (oi) ouve essas fontes murmurantes
oi onde eu mato a minha sede
E onde a lua vem brincar
Oi esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil brasileiro
Terra de samba e pandeiro
Brasil!
Brasil!
Pra mim...
Pra mim...

Nesses trechos, predominam as linguagens sonora e verbal. Provavelmente, se você conhece essa letra, deve se recordar também da melodia. Nas versões já gravadas dessa música, o ritmo parece ser sempre alegre, festivo. A mesma sensação pode ser encontrada nas palavras da canção. Nosso país aparece como uma “terra de samba e pandeiro”, de satisfação (“onde eu mato a minha sede”) e brincadeira (“onde a lua vem brincar”).

Alguns aspectos visuais que existam nessa canção poderão ser visualizados pelas imagens que formamos. Outros aspectos visuais só serão relevantes na capa do CD ou no encarte (aquele “livrinho” anexo aos CDs, com as letras das músicas e demais informações técnicas).

UMA CIDADE IMAGINÁRIA

Se você mora em alguma cidade, visualize agora sua rua. Se você mora no campo, pense em alguma rua que tenha visto. Caminhando por esse ambiente, o que vê? Provavelmente casas, árvores, pessoas, portões... Até aqui, as coisas que vimos não são objetos representando outros objetos. Mas isso não significa que cada uma dessas coisas não seja uma forma de interação do homem com a realidade que o cerca.

Se destacarmos a casa – por que tem aquele tamanho, aquela quantidade de janelas e portas? Por que está naquele lugar específico do terreno, naquela rua e naquele bairro? Essa casa também representa valores humanos, sentimentos, atitudes, questões financeiras etc. Só que essa representação talvez pareça menos visível. Sintetizando: interagir com o mundo é uma condição humana. Essa interação sempre se dará em aspectos visuais, sonoros, pelo tato, pelo gosto e pelas palavras.

PODE HAVER ALGUMA COISA EM COMUM ENTRE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS E LETRAS DE MÚSICA?

Vimos acima que o anúncio publicitário Docemel e a letra da canção Aquarela do Brasil combinam as linguagens de forma diferente. Isso acontece porque os dois objetos foram concebidos para diferentes finalidades. Enquanto o primeiro quer levar o consumidor à compra do produto, o segundo quer distrair o ouvinte ou despertar sua imaginação, combinando música de ritmo alegre com imagens festivas de nosso país.

Quer dizer, tudo depende de qual é a função do objeto na vida das pessoas. Quando olhamos para os objetos à nossa volta, começamos a perceber que vários deles podem ser agrupados em um só bloco, devido a uma função social semelhante. Se perguntarmos: o que há em comum, por exemplo, entre embalagens, rótulos e anúncios publicitários? Para que existem? Uma resposta possível é: para tornar um produto à venda atraente para o consumidor.

Ter a mesma função social traz ainda outra consequência: várias empresas e pessoas, com funções diferentes, estão unidas na realização de um certo objeto construído pela combinação das linguagens. É só pensarmos quantas empresas e pessoas estão envolvidas, direta ou indiretamente, na produção de um jornal, escrito ou falado. O que organizará a ação dessas empresas e pessoas é o objetivo comum: elaborar o produto final que é o jornal.

Denominamos sistemas de comunicação todas essas organizações sociais com um objetivo comum, que têm como princípio organizador a combinação das diferentes linguagens. Neste capítulo, trabalharemos apenas com quatro sistemas de comunicação: o publicitário, o informativo, o artístico e o de entretenimento.



Desenvolvendo competências

2



Mais do que um rótulo de garrafa

Analise o rótulo de garrafa acima, do ponto de vista das linguagens verbal e visual. Relacione o sentido do que está escrito (o que as palavras ou frases querem dizer) com aspectos visuais (o desenho abaixo da expressão “sem gás”, os tipos de letras ou qualquer outro aspecto que você considerar relevante).

O CASO DO MAGRÃO

Magrão é o apelido de um rapaz que vive de consertar e vender máquinas de lavar roupa usadas. Pensando nisso, ele fica com dúvida: “O que devo fazer, como anuncio às pessoas que quero vender ?” Se estivesse no lugar dele, o que você faria?

O Magrão quer vender essas máquinas. O objeto que ele quer criar é justamente o meio que lhe permita estabelecer contato com seus possíveis compradores.

ANÚNCIO A

Vendem-se 4 máquinas de lavar roupa

Falar com o Magrão

ANÚNCIO B

Vendem-se 4 máquinas de lavar roupa

Tratar aqui



Qual das duas versões apresenta uma integração das linguagens verbal e visual? Você acha que essa integração facilita o entendimento de quem vê a placa?

Refletindo um pouco mais, podemos afirmar que uma empresa que venda um produto ou um serviço também passa por essa situação. Afinal, como uma empresa entra em contato com o público, se não for através de um anúncio ou propaganda?

E será que o anúncio de qualquer objeto desses, que sirva para a venda de um produto ou serviço, deve ter algumas características básicas, ou cada um pode anunciar o seu produto do jeito que quiser?

Liberdade existe, não há dúvida. Porém, mais do que liberdade, é necessária a criatividade. Observe o anúncio publicitário a seguir:



Nota-se que é um anúncio publicitário de uma companhia aérea chamada Lane. Há dois convites explícitos para que embarquemos no avião: na linguagem verbal (“Voe Lane”) e na linguagem visual (o desenho do avião indica movimento, pois existem rastros saindo das 3 turbinas). O texto escrito associa esse embarque ao prazer por meio da expressão “E boa viagem”. Percebe-se, portanto, um apelo emocional.

E o que tem a ver com tudo isso a criatividade pedida acima? Tudo a ver, justamente porque as pessoas ou empresas que produzem os anúncios publicitários sabem que o consumidor não tem um único critério para comprar um produto ou escolher um serviço. Pode-se comprar pelo preço, pela beleza da embalagem, pela lembrança de um anúncio na televisão, (pelo fato do anúncio ser engraçado, pela associação do objeto anunciado ao prazer etc.)

E essas pessoas que estão produzindo esses anúncios sabem disso?

Qualquer tentativa de venda de produto ou serviço está dentro desse sistema, de forma mais ou menos consciente por parte de seu produtor. Isso ocorre porque o objetivo essencial de qualquer pessoa envolvida nessa atividade (a venda) é o mesmo de todos os outros que também estão desenvolvendo uma atividade semelhante.



Desenvolvendo competências

3

Você cria seu anúncio

Imagine agora que você está querendo vender algum objeto que tem na sua casa. Crie um anúncio para o seu produto (pode ser uma placa ou um cartaz). Nesse anúncio, combine, necessariamente, as linguagens verbal e visual.

É claro que se pode perguntar: o papel de uma pessoa comum que quer vender um objeto é o mesmo de uma agência publicitária (de uma empresa especializada em estabelecer a relação entre o produto e o consumidor)?

Não, e por um motivo simples. No caso do Magrão, ele acumula funções: tem o produto (é o dono); está tentando criar um jeito de entrar em contato com o público (quer criar um anúncio); terá, provavelmente, um contato direto com todos os possíveis compradores que aparecerem e entregue, talvez, a máquina de lavar na casa do comprador.

Já a agência publicitária não acumula funções. Sua parte, em todo o processo da venda, é a criação: ela cria o meio (o anúncio ou propaganda) para atrair o consumidor para um certo produto. Mas não se responsabiliza pela entrega, não diz que cores o produto tem, não trava contato direto com as pessoas, nem é a dona dos objetos. Há outras empresas e, portanto, outras pessoas que realizam cada uma dessas etapas da compra.

SÓ QUERER VENDER NÃO BASTA

Vamos nos centrar novamente na criação do meio, para que uma venda possa se efetivar. Vimos lá atrás que esse meio deverá levar em conta critérios racionais (o preço do produto, por exemplo) e critérios ligados ao desejo, ou ao lado menos “prático” do consumidor (comprar um produto por ter gostado de um anúncio). O objetivo será observar como alguns recursos de linguagem verbal, visual, sonora e mesmo gustativa são mobilizados na construção desses anúncios.

Na construção dos anúncios publicitários, os recursos das linguagens são manipulados de maneira tal que, muitas vezes, ao entrar em contato com eles, não nos damos conta de que um mundo imaginário e sedutor se formou diante de nossos olhos.

Se voltarmos ao anúncio da empresa aérea Lane, notamos que a imagem do avião, a simulação de seu rastro no espaço, por meio de linhas que saem das turbinas (linguagem visual), associadas à expressão verbal “E boa viagem!” despertam no espectador a vontade de viajar, associando-a à satisfação de um desejo.

Quer dizer: o anúncio publicitário ligará o produto ao prazer, criando um mundo “perfeito” e “ideal”, dissociado de problemas de qualquer natureza. Ele nos afastará, de forma ainda mais brutal, de uma questão importante: até que ponto devemos gastar dinheiro adquirindo esse produto? Para a publicidade, não existe nada supérfluo. Só que boa parte dos produtos anunciados ou são realmente supérfluos na nossa vida, pois vivemos muito bem sem eles, ou são produtos realmente necessários, ainda que apresentados em seu aspecto mais irrelevante.

Por exemplo, arroz e feijão são produtos alimentícios consumidos por muitos brasileiros. Culturalmente, essa mistura é tida como típica do Brasil. Mas nenhum anúncio publicitário vai vender arroz e feijão dizendo que esses produtos nos alimentam e ponto final. Isso ocorre porque, como os produtos são comercializados por diferentes empresas, a distinção entre um produto e outro acabará se concentrando em algum aspecto supérfluo deles. Afinal, o essencial todos têm.

PERDIDO NO POSTO DE SAÚDE

Infelizmente, você certamente já ficou doente alguma vez e precisou ir a um hospital ou posto de saúde. Lá chegando, você precisou pedir atendimento. E o que fez? Conseguiu falar com alguém para solucionar suas dúvidas? Precizou ler alguma placa, preencher algum papel?

Talvez você tenha encontrado algo parecido com o aviso abaixo:

HORÁRIO PARA MARCAR CONSULTAS:

De segunda a sexta, das 14h às 16h
Nos guichês 4, 5 e 6 da recepção
É necessária a apresentação do documento de identidade

Alguém que vai a um hospital querendo saber os dias e horários para marcação de consultas encontrará nesse aviso as informações de que necessita. Pode-se afirmar, portanto, que a finalidade desse objeto é informar as pessoas.

Vamos agora analisá-lo sob o ponto de vista da organização das linguagens. Em geral, os objetos construídos com a finalidade de informar alguém sobre alguma coisa dão bastante destaque à linguagem verbal (aquela que tem como base as palavras).

O que temos no aviso acima são frases claras e objetivas, informando sobre uma questão específica: o que é necessário saber para se marcar uma consulta naquele posto de saúde. Aí temos duas características importantes das informações, construídas a partir de um tema único (no caso, a marcação de consultas). As informações dadas a partir do tema são essenciais e devem ser claras para a pessoa que veio buscá-las (no nosso exemplo, saber os dias, os horários, o local e os documentos necessários para marcar a consulta).

BUSCANDO INFORMAÇÕES: OLHANDO EM VOLTA

Outros objetos perto de nós também parecem ter como objetivo principal nos informar sobre alguma coisa. Pense. Se vê televisão ou ouve rádio, você consegue identificar objetos que foram construídos para nos informar?

Talvez você tenha pensado em telejornais ou em boletins de notícias. De fato, eles têm uma função básica: nos informar sobre o que está acontecendo na nossa região, no nosso país e no mundo. O que eles informam, de uma forma direta ou indireta, pode afetar algum aspecto de nossa vida.

Se há crise no Oriente Médio, podemos estar vendo o desencadear de uma guerra sangrenta, com consequências políticas, econômicas e sociais no mundo (os países árabes, localizados no Oriente Médio, são grandes fornecedores de petróleo, matéria-prima da gasolina, usada no mundo inteiro, e a crise pode ter inúmeras consequências).

Na informação jornalística, mesmo havendo um papel muito importante para a linguagem verbal (a base de uma notícia é o que o repórter fala ou escreve), a linguagem visual acaba tendo um papel também muito importante, tanto nas imagens que aparecem nos jornais da televisão quanto nas fotos que acompanham reportagens em jornais.

Podemos, pois, afirmar que a combinação das linguagens em objetos informativos auxilia na construção da clareza e da objetividade daquilo que nos está sendo apresentado. Em geral, quando prestamos atenção a uma notícia, somos perfeitamente capazes de entender qual é o assunto e quais são as informações essenciais que ela quer nos passar.

Essa não é uma atitude passiva de nossa parte. Há milhares de situações em nossas vidas que nos exigem a busca de informações. Apenas para citar algumas possibilidades, pense nas seguintes circunstâncias: você deve visitar um parente em uma cidade desconhecida; seu filho precisa de uma fonte de informações sobre um tema qualquer, para realizar uma atividade na escola; se você trabalha no comércio, você precisa saber o preço médio de um produto em alguns concorrentes da sua empresa.

Unidade I – Publicidade, entretenimento e outros sistemas

Precisamos, então, reconhecer que inúmeros objetos são construídos dentro desse sistema informativo, ou seja, há muitos objetos concebidos para informar as pessoas sobre alguma coisa. Quais objetos construídos pelas linguagens você classificaria como informativos?

ENCONTRANDO ALGUNS MATERIAIS DE CONSULTA: JORNAIS, REVISTAS, ENCICLOPÉDIAS, DICIONÁRIOS, LISTAS TELEFÔNICAS E GUIAS

Todos os materiais acima, exceto as listas telefônicas (que não são vendidas), podem ser adquiridos, com maior ou menor facilidade, em livrarias ou em qualquer tipo de comércio que venda livros ou papéis (como bancas de jornais e papelarias).

Para consulta gratuita, os locais mais importantes são as bibliotecas, onde podemos encontrar livros sobre os mais variados assuntos, além de jornais, revistas, enciclopédias, dicionários, guias e até listas telefônicas. As bibliotecas podem ser municipais, estaduais ou federais, isto é, organizadas, respectivamente, pelas prefeituras, pelos governos de Estado e pelo Governo Federal. Há bibliotecas situadas dentro das escolas. Há ainda institutos públicos ou particulares que possuem bibliotecas abertas para consulta.

Se você tem acesso a um computador e ele estiver conectado à Internet (uma rede mundial de informações), você encontrará nele desde fontes gratuitas de informação até a possibilidade de compra de materiais.

Buscar as fontes das quais necessitamos na vida pessoal e profissional é um dos aspectos ativos de nossa relação com os objetos informativos. Destaquemos mais uma questão: que relação mantemos com “as verdades” que nos são transmitidas pelas notícias de jornal, pelas enciclopédias, guias etc.?

Mas, por que essa expressão “as verdades” apareceu entre aspas? Talvez essa ideia de verdade não seja tão simples.

Pense em um tema que esteja sendo discutido na televisão, no rádio ou nos jornais e revistas nesta semana. Se puder, compare a mesma notícia dada por dois jornais diferentes, por duas emissoras diferentes, enfim, procure duas fontes diferentes para a mesma notícia.

Ela é exatamente igual nas duas? Não. Pode ser parecida. Na televisão: quando acompanhamos um fato na emissora A ou na emissora B, vemos a mesma coisa? As imagens são as mesmas, o apresentador é o mesmo? Os sons que acompanham as imagens são os mesmos? As ideias que os repórteres apresentam são formuladas do mesmo jeito? Com certeza, não.

Imagine que você trabalha em uma empresa e o seu chefe lhe pede para escrever um aviso para os outros funcionários, informando mudança no horário de entrada no turno da manhã. Como você redigiria esse aviso? As informações que você escolher, o formato que você der a esse aviso, o local no qual você irá afixá-lo, tudo isso implica seleção daquilo que é realmente essencial na construção do aviso.

Com toda informação acontece a mesma coisa. São objetivos básicos e organizadores, na produção de informações: clareza, objetividade, definição de um tema único de cada vez e levantamento dos dados essenciais para a compreensão do tema.

Mas, como tudo que é humano está relacionado com crenças, valores, visões de mundo e interesses, devemos admitir que “a verdade” contida em uma informação não é uma verdade absoluta, indiscutível. Mais do que isso, muitas vezes, ao construir uma informação, os produtores têm muita clareza de que selecionarão aspectos mais positivos ou negativos de um dado fato, de acordo com este ou aquele interesse social com que simpatizam.

Em uma notícia, dada na televisão ou no jornal impresso, a partir de um mesmo fato, pessoas e instituições podem ser mostradas em seus aspectos mais negativos, na notícia de um dado canal e, de forma um pouco mais neutra ou até positiva, em outro canal que estiver veiculando uma notícia sobre o mesmo assunto.



Desenvolvendo competências

4

Duas notícias sobre o mesmo assunto

Procure, em dois jornais, ou em duas revistas, programas de televisão ou rádio, duas notícias sobre um mesmo assunto. Você considera que as informações selecionadas sobre o fato foram diferentes nas duas notícias? Que efeitos essas diferenças podem causar na interpretação do fato pelo leitor/espectador?

NA SALA DE AULA

Nas aulas destinadas aos estudos da língua portuguesa, muitas vezes os professores trazem textos para serem lidos, analisados. Muitos desses textos são classificados pelos professores como “literatura de ficção”. São histórias inventadas, textos que podem ser atuais, mas que muitas vezes foram escritos há muito tempo.

Muitos alunos estranham esses textos. Os textos mais antigos, em geral, causam várias “estranhezas”: há lugares desconhecidos, palavras estranhas e o tempo parece remoto (cem, duzentos, trezentos anos atrás...); há também uma maneira de escrever diferente, que não nos parece familiar, não parece um texto que a gente possa ler ou ouvir, nas ruas, na televisão, nas revistas.

São trechos como:

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira da minha cova: — “Vós que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade (...)”.

ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Globo, 1997. p. 1.

Esse texto de Machado de Assis, do romance Memórias póstumas de Brás Cubas, publicado no século XIX, fala de um tempo distante (1869), usa vários termos não usuais em nossos dias (“expirei”, “rijos”, “prósperos”, “contos” – referindo-se a dinheiro – “vós”) e frases construídas de uma maneira diferente da atual “... a perda de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade”.

Esses são alguns dos motivos de estranheza dos alunos de hoje frente a esse texto de outra época. E o que dizer da literatura mais próxima de nossos dias? Vamos ler agora um trecho do conto Felicidade clandestina, publicado na década de 70, já no século XX, pela autora Clarice Lispector:

(...) Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser”. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. In: MORICONI, Italo (Org.). Os cem melhores contos brasileiros do século XX. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p.314.

Do ponto de vista da linguagem utilizada, esse texto parece não apresentar grandes problemas. Mas, e a história em si, aquilo que nos é contado? O narrador da história nos diz que recebeu um livro emprestado, na condição de poder ficar com o livro “quanto tempo quisesse”. E, para esse mesmo narrador, ficar com o livro por esse tempo indeterminado é a maior ousadia que uma pessoa pode ter ou querer na vida.

Nesse momento, podemos ligar esse trecho ao anterior: o primeiro, além da linguagem distante, traz uma história contada a partir de um narrador já morto (“expirei” quer dizer “morri”). Perspectiva estranha para se contar uma história, não?

No segundo trecho, um narrador afirma que a maior ousadia de um ser humano é ter a sensação de poder ficar com alguma coisa (no caso, um livro), por quanto tempo quiser. Mas o que significa essa ideia? Não dá para ter um compreensão imediata dessas palavras.

Tentemos entender um pouco essa situação, com dois olhares diferentes. Vamos pensar no olhar dos alunos e no olhar do professor, imaginando quais motivos podem tê-lo levado a trazer textos como esses para a sala de aula.

Primeiro, os alunos. Quando lemos os trechos das histórias citadas acima, apontamos dois problemas comuns na leitura deles: ou os textos parecem falar de um tempo muito distante e, portanto, difícil de compreender, ou o próprio assunto da história, a maneira como ela é construída, parece não fazer muito sentido. Quer dizer,

compreendem-se as palavras, mas isso não basta para se ter a sensação de que a história de fato faz sentido.

Mas aí é que está... Essas histórias não parecem ter sido compostas para que os seus leitores as compreendessem como se fossem uma notícia de jornal ou uma receita de bolo.

Esse processo é consciente por parte de seus autores. Isso significa dizer que eles constroem os textos dessa forma porque querem. Como os alunos, podemos nos perguntar: “E para que uma pessoa escreve um texto que não será imediatamente compreendido pelas outras pessoas? Por que essa atitude que parece ser uma ‘provocação’?”

Não podemos e nem devemos dar uma resposta definitiva a tais perguntas, mas podemos formular algumas hipóteses. Olhe para o lado agora. Talvez tudo em volta lhe pareça muito natural, muito “certinho”. Pense um pouco. Você faz tudo o que gostaria de fazer? E por que não faz? Se você não tivesse tomado essa ou aquela atitude lá atrás na sua vida, será que a sua vida seria diferente agora, será que ela seria melhor ou pior?

Poderíamos fazer milhares de perguntas desse tipo. Todas elas, de alguma forma, põem em dúvida a ordem comum das coisas. São perguntas que não nos permitem olhar ao redor, ou olhar dentro de nós mesmos, ou pensar nas outras pessoas, e achar que é assim apenas porque deve ser.

Só que, se em todos os momentos da nossa vida – e mesmo nos momentos da história da humanidade – aceitássemos o que já existe como o único possível e certo, provavelmente seríamos como os outros animais. Nasceríamos, viveríamos (nesse meio tempo iríamos comer, beber, nos acasalar), morreríamos e pronto.

Muitos até podem pensar “bom, nada mal se fosse assim”. Só que nós sabemos que a vida humana não se resume apenas a ações naturais. Os seres humanos são inquietos, criativos. E essa inquietude e essa criatividade nos movem para mudanças e descobertas.

E que tem a ver com tudo isso os nossos textos? Absolutamente tudo. Há várias produções humanas, os chamados objetos artísticos, que se propõem a manter vivo esse espírito criativo e

inquieta. O que dissemos lá atrás sobre os textos? Dissemos que eles nos provocavam. E por quê? Porque eles não constroem para nós uma realidade pronta, acabada, indiscutível. Esse papel cabe à informação e a uma série de outras formas de organizar a realidade.



Desenvolvendo competências

5

Recordando e comentando

Você já deve ter lido textos de ficção que causaram estranhamento em você, seja pelo tema, pela maneira como o autor escreveu, ou qualquer outro motivo. Se você puder, releia algum desses textos. Depois, escreva um pequeno comentário, tendo em mente a seguinte questão: posso considerar esse texto que acabo de ler como um objeto artístico? Por quê?

Aqueles textos, como qualquer outro objeto artístico, não têm respostas prontas para nos fornecer sobre qualquer assunto. Por isso, ao entrarmos em contato com eles, não conseguimos ter uma compreensão imediata do que querem dizer. Ou seja: em um objeto artístico, não há uma “única verdade” sendo construída. O que se constrói são possibilidades.

Voltemos a Machado de Assis e Clarice Lispector e suas respectivas obras, citadas lá atrás. A primeira história, a do defunto-autor, nos coloca essa possibilidade, entre outras: como poderia ser o olhar de um morto sobre sua própria vida? Como veríamos a nossa história se pudéssemos ter esse olhar? O que significaria a vida para nós?

Já a história do livro emprestado pode estar nos perguntando: o que é a felicidade? Será que a felicidade é uma sensação passageira, ou podemos carregá-la pela vida afora? Será que ter a sensação de poder tudo não é o máximo de felicidade que podemos ter concretamente?

Despertar nos outros a inquietude parece ser um traço característico dos objetos artísticos, sejam eles quais forem. Outro traço comum é pressupor, por parte de quem produz tais objetos, um grande domínio das técnicas de seu ofício. Afinal, se para construir uma informação simples é preciso saber como fazê-lo, que dizer de objetos que querem

transmitir uma informação aberta, mas que precisa se manter minimamente compreensível?

Só para sentir a dificuldade técnica de produzir um objeto artístico, tente compor a letra para uma música. O assunto você escolhe. Veja se é fácil escrever uma letra com sentido, com frases bem-articuladas, que nos tragam à cabeça imagens bonitas.

E A BELEZA? ONDE É QUE FICA?

Você pode estar se perguntando a essa altura: “E a beleza? Uma obra de arte não tem que ser bonita? A gente vê uns quadros por aí, parecem umas tintas jogadas em cima da tela... Será que isso é arte?”

Com certeza, muito do nosso estranhamento diante de objetos artísticos vem daí. Talvez este seja um bom momento para retomar uma de nossas questões iniciais: por que será que os professores, no contexto escolar, trazem obras de arte para estudar com seus alunos?

PARA ALÉM DA SALA DE AULA...

Se você mora em uma cidade ou perto de uma, procure se lembrar de algum monumento existente nela (pode ser uma fonte ou escultura na praça). Você classificaria esse objeto como uma obra de arte? Por quê?

Unidade I – Publicidade, entretenimento e outros sistemas

Quando observamos diferentes obras de arte, não devemos esquecer que são produzidas num determinado momento da história da humanidade, num determinado país, em uma certa sociedade, que por sua vez possui suas crenças, valores, hábitos. E, mais do que isso, não devemos nos esquecer de que os valores de uma sociedade mudam com o tempo. Certamente, nós não pensamos mais como os brasileiros que viveram há cem anos.

Na sala de aula, esse talvez seja um dos objetivos do professor: estudar com seus alunos diferentes objetos artísticos, sob diferentes pontos de vista. Objetos artísticos produzidos hoje, produzidos em um passado distante, em um passado remoto, em nosso país e também por outras culturas do mundo.

A arte, como alguns outros sistemas comunicativos, tem essa preocupação histórica: muitas pessoas envolvidas na produção ou difusão de uma obra de arte sabem que esses objetos estão tratando de temas humanos ao longo do tempo. Por isso, conhecem e respeitam a tradição, aquilo que já foi feito por outros seres humanos em outros momentos.

Retomemos a questão da beleza. Para muitos de nós, a beleza tem como pressuposto a nossa compreensão imediata. Quando vemos um quadro com rosas vermelhas em um belo vaso, admiramos a capacidade do artista para construir uma representação tão próxima do real.

Mas o que muitos não sabem é que essa capacidade de “imitar” a realidade de forma realista já foi manifestada por uma série de artistas a partir do século XVI. Um artista chamado Leonardo da Vinci, em 1503, pintou um quadro denominado *Mona Lisa*, que é provavelmente o rosto de uma mulher daquela época.

Faz sentido um artista apenas continuar, nos dias de hoje, a fazer quadros como há quinhentos anos? E onde é que fica a criatividade, a inquietude?

O grande dilema da arte é que ela pressupõe de seu espectador o conhecimento da história. E, nos dias de hoje, tão centrados no trabalho e na diversão, ou seja, no imediato, a arte acaba sendo um sistema com pouca penetração direta na vida da maioria das pessoas.

ELES DIZEM QUE NOVELA É “COISA DE MULHER”...

É difícil imaginar um brasileiro que nunca tenha ouvido falar em novela de televisão. Há muitos homens que dizem que “novela é coisa de mulher”, mas o fato é que todo mundo, vez por outra, acompanha algum capítulo de alguma telenovela.

É muito comum, mesmo, ouvirmos ou participarmos de discussões sobre alguma cena de novela, algum tema que tenha sido tratado ou o destino que achamos bom para esta ou aquela personagem. Mas é curioso como podemos falar sobre uma novela de televisão a partir dos mais variados pontos de vista.

Às vezes, um assunto da novela pode nos levar a pensar se aquilo é certo ou errado e a emitir julgamentos ou opiniões sobre os comportamentos e ideias que nos são passados. Outras vezes, temos reações absolutamente emotivas, podemos até chorar ou ficar com raiva de um vilão que está fazendo o nosso herói ou heroína sofrer naquela história. Mas um fato parece ser claro para todos nós: diante de uma telenovela, nós compreendemos o que se passa. Todas as histórias de novela são ficções; não vemos ali fatos e pessoas reais, no entanto, somos capazes de acompanhar o que acontece com as personagens que estamos seguindo.

Essa capacidade de ser compreendida é tão forte na telenovela que, mesmo quando não assistimos a alguns capítulos, somos capazes de compreender o que se passa.

E por que isso acontece? Como uma história inventada, que se divide em tantos capítulos, pode ser tão facilmente acompanhada pelas mais diferentes pessoas, com diferentes níveis de escolaridade?

O USO DAS LINGUAGENS NAS NOVELAS

Tentemos lembrar alguma cena de telenovela. Provavelmente, o que vem à nossa cabeça são imagens com personagens. A linguagem visual é muito significativa nas telenovelas. O cenário, as roupas das personagens, seus gestos, tudo nos leva a compreender o que está acontecendo. A mesma

coisa pode ser dita sobre os sons. Se imaginamos uma cena de suspense, de amor, é claro que a trilha sonora nos embalará para “entrarmos no clima” do que a cena está querendo nos passar.

E quanto à linguagem verbal? Essa também é usada de forma a tornar a situação o mais clara possível para nós. Mesmo quando há uma cena de mistério, dá para observar que algumas frases ou gestos das personagens são indicativos de que algo irá acontecer.

Quer dizer, na maior parte das vezes, o uso das diferentes linguagens nas telenovelas está a serviço da clareza de entendimento por parte do telespectador.

Há outro aspecto que se pode observar, também, no uso das linguagens nas novelas de televisão: as histórias que nos são contadas, muitas vezes, mexem com os nossos sentimentos. Despertam em nós raiva, ternura, compaixão, simpatia, amor etc. E esses efeitos são provocados por uma equilibrada mistura das linguagens visual, verbal e sonora.

Imagine a seguinte situação: uma cena de novela sem som. Agora imagine essa cena sem os diálogos, só com trilha sonora e imagem. Por fim, pense na cena só com os diálogos, sem a visualização das cenas e sem a trilha sonora.

Em todas essas possibilidades, parece que alguma parte essencial ficou de fora. Sem a imagem e sem a trilha sonora, parece que nossa imaginação e nossos sentimentos ficam um pouco paralisados. Já sem os diálogos, ou seja, sem a linguagem verbal, fica faltando alguma coisa muito importante para a compreensão do que acontece.

Só as novelas de televisão têm essas características? Ou, dizendo de outro modo: dos objetos que estão à nossa volta, só as telenovelas são uma mistura de clareza e emoção?

Objetos como as telenovelas podem ser classificados como formas de entretenimento. São objetos que servem para nos fazer passar o tempo, para nos divertir, para preencher o nosso horário de lazer.

Muitos, muitos objetos ao nosso redor têm essa finalidade básica de nos entreter: a transmissão de jogos, os programas de auditório e os humorísticos, o repertório musical da maioria das rádios, muitos filmes, entre outras possibilidades.

Mas há objetos geradores de dúvidas. Uma peça de teatro é um objeto artístico ou entretenimento? Depende do objetivo básico da peça, da maneira como é organizada pelos que dela participam (e nesse grupo estão atores, diretores, pessoal técnico, divulgadores etc.).

Há peças de teatro que se propõem inquietar o espectador. Nesse caso, localiza-se nelas a escolha de um texto mais difícil, de atores e diretores menos preocupados em serem facilmente compreendidos, de cenários e figurinos que surpreendam, de uma divulgação que também inquiete o possível espectador etc.

O mesmo se pode dizer de uma peça de teatro com o objetivo básico de entreter o espectador, só que ao contrário: o texto será mais fácil de compreender, os atores se esforçarão para essa compreensão, o cenário e os figurinos normalmente estarão ali apenas para dar “realismo” às cenas, a divulgação deixará muito claro que quem for assistir àquela peça vai se divertir etc.

O ENTRETENIMENTO PARECE TER UM POUCO DE TUDO

Um objeto de entretenimento, muitas vezes, também revela características de outros sistemas que organizam a sociedade. Na verdade, nos outros sistemas também pode ocorrer o mesmo (por exemplo, num jornal, há anúncios publicitários). Mas o curioso do sistema do entretenimento é que ele se apropria de elementos de outros sistemas, absorvendo-os e transformando-os.

No jornal escrito há o setor de classificados. Mas as notícias de jornal não têm uma relação direta com os produtos que estão sendo vendidos nos classificados. Pegue uma revista e um jornal. Procure uma página com o anúncio de algum produto. Veja se há uma relação direta entre as notícias e os produtos anunciados.

Agora, pense em uma cena de telenovela em que um produto esteja sendo anunciado. Repare o que as personagens estão fazendo, o que elas estão falando, o local em que se passa a cena e veja se tudo isso está ou não diretamente relacionado com o produto oferecido.

Unidade I – Publicidade, entretenimento e outros sistemas

Essa atitude de absorção e transformação do sistema de entretenimento é ainda mais forte no que diz respeito à arte. Muitas telenovelas, muitas minisséries, muitas músicas populares, muitos filmes de ação ou diversão são adaptados de obras artísticas. Muitas vezes, esse procedimento é até anunciado.

Se você puder, preste atenção na abertura de algumas novelas ou minisséries. Veja se há alguma referência a outras obras, algumas frases como “baseado no texto de ...”, ou “adaptação livre da obra de...”. Isso significa que o que se verá foi adaptado de uma outra obra, normalmente artística.

No entanto, objetos de entretenimento, muitas vezes, absorvem e transformam objetos artísticos sem deixar esse procedimento claro. Há algum mal nisso?

Falando sobre o sistema artístico, dissemos que, em geral, ele causa estranhamento no espectador, justamente porque não é um objeto construído para distrair as pessoas, mas para levá-las a alguma reflexão, para avançar nos domínios das técnicas daquela arte e construir uma nova concepção de beleza, entre outras possibilidades.

Quando, porém, tomamos consciência de que os objetos artísticos muitas vezes são utilizados como fonte para os objetos de entretenimento,

começamos a perceber que existe uma enorme função social para a arte, mesmo que não consigamos vê-la de imediato.

Quando um objeto de entretenimento se baseia em um objeto artístico, mas não se preocupa em deixar clara a referência, de alguma forma não nos desperta a curiosidade pelo original, mostrando como se fossem novas ideias já consagradas por outras obras.

Isso quer dizer que os objetos de entretenimento não têm o seu próprio lugar?

Lugar é o que entretenimento mais tem no mundo moderno. Com o ritmo acelerado do dia-a-dia, todos necessitam de momentos de lazer, seja para o corpo ou a mente. Mas, como as ofertas para o divertimento são muitas (neste momento, você poderia ver vários programas diferentes na televisão), a concorrência entre os produtores é grande.

Na busca desenfreada pela novidade, os objetos de entretenimento, por vezes, se tornam apelativos, exagerando nos temas sensacionalistas, estimulando preconceitos, humilhando pessoas etc. Mas, muitas vezes também, com clareza, simplicidade e emoção, programas de auditório, transmissões esportivas, novelas de televisão conseguem um feito notável: levar uma diversão simples e imediata a milhares de pessoas ao mesmo tempo.

**Desenvolvendo competências****6**

Duas letras de música

Leia os trechos das letras das músicas a seguir:

I - É O AMOR

Autor: Zezé di Camargo

Eu não vou negar que sou louco por
você

Tô maluco pra te ver

Eu não vou negar

Eu não vou negar

Você traz felicidade

Sem você tudo é saudade

Eu não vou negar

(...)

CAMARGO, Zezé di. É o amor. [S.l.: s.n.], 1991.

II - VALSA BRASILEIRA

Autores: Chico Buarque e Edu Lobo

Vivia a te buscar
porque pensando em ti
corria contra o tempo
eu descartava os dias
em que não te vi
como de um filme
a ação que não valeu
rodava as horas pra trás,
roubava um pouquinho
e ajeitava o meu caminho
pra encostar no teu

(...)

BUARQUE, Chico; LOBO, Edu. Valsa brasileira. In: _____. Dança da meia-lua. [S. l.], 1988. 1 CD.

A partir da leitura dessas letras, qual delas você analisaria como objeto de entretenimento (fruto de um trabalho mais claro e direto com a linguagem) e qual você analisaria como objeto artístico (aquela em que a linguagem não constrói um sentido imediato)? Justifique.

SEMPRE PODERÁ HAVER UM PRÓXIMO CAPÍTULO...

Poderíamos ainda falar de muitos outros sistemas de comunicação, mas este capítulo limitou-se a esses quatro (publicitário, informativo, artístico e de entretenimento). Uma ideia para não esquecer é que qualquer objeto de produção humana pressupõe um sistema organizador por trás, e o que une todos os que estão envolvidos em cada um desses sistemas é o fato de possuírem algum objetivo em comum.

E uma última questão. Como vimos, os diferentes sistemas não são isolados uns dos outros: eles misturam-se, com maior ou menor intensidade, e daí talvez acabem saindo novos sistemas e produtos.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer as linguagens como elementos integradores dos sistemas de comunicação.
 - Identificar os diferentes recursos das linguagens, utilizados em diferentes sistemas de comunicação e informação.
 - Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para explicar problemas sociais e do mundo do trabalho.
 - Relacionar informações sobre os sistemas de comunicação e informação, considerando sua função social.
 - Posicionar-se criticamente sobre os usos sociais que se fazem das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.
-

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

UNIDADE II

A VIDA EM UMA SOCIEDADE LETRADA

ENSINO MÉDIO

Unidade II

A vida em uma sociedade letrada

Você costuma prestar atenção na escrita que vê, em diferentes lugares, quando anda pela rua? Já leu frases em vidros de carros ou para-choques de caminhão e pensou sobre o que significam? Já recebeu folhetos de propaganda, pedidos de auxílio ou ofertas de empréstimo de dinheiro? Já reparou na quantidade de símbolos que interpretamos diariamente?

A escrita faz parte das nossas vidas. Se olharmos à nossa volta, veremos textos em postes, em vidros traseiros de ônibus, em outdoors, em muros. Para existirmos “legalmente”, precisamos de uma série de documentos escritos: certidão de nascimento, documento de identidade, carteira de trabalho etc. Tudo isso nos permite concluir que fazemos parte de uma sociedade letrada, ou seja, de uma sociedade na qual escrever é uma atividade importante na vida das pessoas, na constituição e divulgação da cultura, na construção e transmissão do conhecimento.

Existem muitas sociedades ágrafas (sem escrita) nas quais a memória cultural e a transmissão do conhecimento são feitas oralmente pelas pessoas mais velhas, que transmitem para os mais novos tudo o que sabem sobre seu povo. Esse não é, porém, o nosso caso. A escrita e a leitura estão presentes de modo muito forte em nossas vidas e é importante que possamos tirar o máximo proveito dessas atividades.

Vamos, ao longo deste capítulo, conversar sobre como aprendemos a “ler” os símbolos e linguagens que caracterizam uma sociedade como a nossa.

Para começar, imagine a seguinte situação: um nativo de uma tribo que vive em uma ilha da Polinésia encontra-se, por algum motivo, em nosso país. Na sua tribo não há escrita, carros, computadores... Você o vê parado, no meio da rua, e percebe que ele não sabe o que fazer para atravessar sem ser pego pelos carros. Ele, provavelmente, não fala português. Como você faz para ajudá-lo?

Será necessário indicar, por meio de gestos, que ele deve se guiar por um sinal luminoso que regula a passagem dos pedestres. Se aparecer a imagem de uma mão (luz vermelha), deve esperar; se a imagem for de uma pessoa (luz verde), pode atravessar para o outro lado da rua.

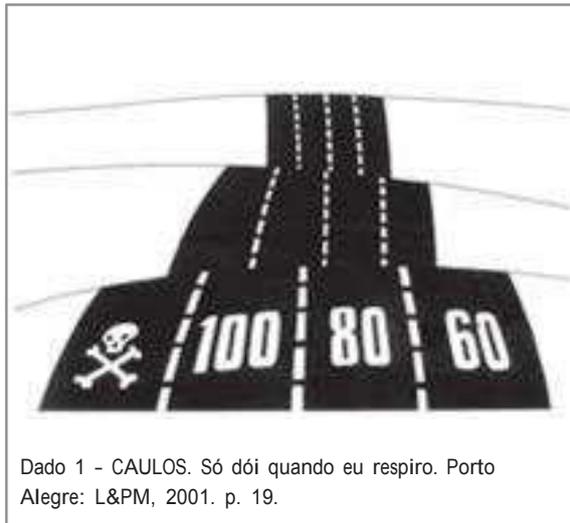
Não há nada escrito, mas aprendemos que, na nossa sociedade, o sinal vermelho indica que devemos esperar e o verde nos dá permissão para prosseguir. Associamos esses símbolos a um significado específico. Além de compreendermos seu significado, orientamos nosso comportamento por eles. Uma pessoa que vem de uma cultura diferente da nossa (o nativo da Polinésia, por exemplo) pode ter dificuldade para interpretar esses símbolos da mesma maneira.

É importante perceber que há uma grande quantidade de informações à nossa volta e constatar que essas informações são apresentadas nas mais variadas linguagens. Para compreendê-las, precisamos atribuir sentido à linguagem (palavras, gestos, símbolos...) utilizada.

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

O QUE É UM TEXTO?

Como podemos definir um texto? Como um amontoado de frases? Como uma combinação de palavras? Uma única frase é um texto? E uma única palavra? Uma imagem é um texto? Para resolver essa questão, vamos partir da análise de dois dados:

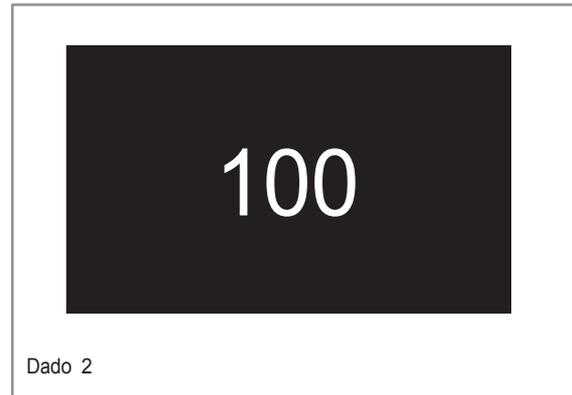


Se alguém pedisse a você para examinar os dados 1 e 2 e perguntasse se eles poderiam ser considerados “textos”, qual seria sua resposta?

Em 1, vemos uma representação do que parece serem as pistas de uma estrada. Da direita para a esquerda, cada pista vem identificada por um número em ordem crescente: 60, 80, 100. Na última pista, aparece um símbolo (uma caveira sobre um “X” formado por dois ossos). Depois de identificar essas informações, será que podemos “ler” algo mais nessa imagem?

Pense no que conhece sobre as estradas brasileiras. Você sabe que há sempre um limite máximo de velocidade para cada uma delas. Em alguns lugares essa velocidade é de 40 km/h, em outros, 60 km/h, 80 km/h, ou mesmo 100 km/h. Se o desenho mostra várias pistas de uma estrada, cada uma delas identificada por um número diferente, podemos concluir que esses números indicam o limite de velocidade nessas pistas.

E o símbolo que aparece na última pista, como poderia ser “lido”? Uma caveira, com dois ossos



cruzados, é um símbolo que costuma ser utilizado para indicar algo que oferece perigo de vida (produtos químicos altamente tóxicos, venenos, fios de alta tensão etc.). O uso dessa imagem em uma das pistas parece indicar que algo nela oferece um risco de vida para o motorista. Mas o quê?

Refleta: se a velocidade das pistas aumenta sempre, pode-se supor que o autor do desenho está querendo sugerir que andar em uma velocidade maior que 100 km/h representa um grande risco para a vida das pessoas.

Veja quanta informação conseguimos extrair de uma imagem onde não há nenhuma palavra escrita. O mais importante, porém, é constatar que fomos além do que está representado na imagem e concluímos algo sobre a intenção de quem fez esse desenho: sugerir que ultrapassar os 100 km/h oferece um grande risco para a vida dos motoristas. Há, portanto, uma intenção associada à imagem. A intenção do autor do desenho é chamar a atenção para a relação entre a alta velocidade e os acidentes fatais.

E no caso do dado 2? Ele permite alguma leitura? Podemos começar identificando o que vemos: uma placa preta com o número 100. O que esse número significa? Será uma identificação de quantidade de alguma coisa? Será um limite de velocidade? Será o número de habitantes de uma pequena cidade? Podemos propor algumas hipóteses, mas não temos como chegar a nenhuma conclusão, porque não contamos com informações suficientes para interpretar o sentido dessa imagem.

Que tal usarmos esses dois exercícios de “interpretação” para tentar chegar a uma definição do que pode ser considerado um texto? No caso

do dado 1, construímos um sentido que foi além da identificação dos elementos presentes (pistas de estrada, números, símbolo da morte...). No caso do dado 2, não pudemos fazer nada além de nomear o que estava representado: o número 100. Essas constatações nos levam a identificar o que faz do dado 1 um texto:

- pode ser lido e interpretado;
- permite que se identifique um sentido diferente do sentido de cada um de seus elementos;
- sugere uma intenção por parte de quem o produziu.

Quando falamos de texto, portanto, identificamos um uso da linguagem (verbal ou não-verbal) que tem significado, unidade (é um conjunto em que as partes ligam-se umas às outras) e intenção.



Desenvolvendo competências

1

Analise os exemplos abaixo. Eles podem ser considerados textos? Por quê?

SUPERVISORES(S)

Empresa de serviços financeiros contrata com ou sem experiência para trabalho não relacionado a vendas ou distribuição de produtos. Oferecemos possibilidade de renda fixa e de crescimento profissional.

Fone: (11) 1234-5678

Exemplo 1 - Adaptado de: Folha de S. Paulo, São Paulo, 5 maio 2002. Caderno Classifolha Campinas, p. C19.



Exemplo 2 - CAULOS. Só dói quando eu respiro. Porto Alegre: L&PM, 2001.p.9

TUDO TEXTO TEM UM CONTEXTO

Agora que já temos critérios para identificar um texto, podemos observar alguns elementos que nos ajudam a interpretar os textos que estão à nossa volta.

Leia os textos a seguir:

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

IBIÚNA – Vendo sítio. Com 58.744m² de área, casa 1.075m² com 4 quartos, 2 suítes, piscina, sauna seca e a vapor, adega, salão de jogos, lago natural com peixes para pesca, churrasqueira, fogão a lenha, forno de pizza, 2 casas de caseiro, campo de futebol gramado oficial, nascente e floresta naturais. Tratar com José Marques. (011) 1234-5678.

Texto 1 - O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 maio 2002. Caderno Classifolha. Imóveis. p. 6.

SÍTIO – Vendo. Barbada. Ótima localização. Água à vontade. Árvores frutíferas. Caça abundante. Um paraíso. Antigos ocupantes despejados por questões morais. Ideal para casal de mais idade. Negócio de Pai para filhos. Tratar com Deus.

Texto 2 - VERÍSSIMO, Luis Fernando. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 143.

Você deve ter percebido que esses dois textos são diferentes, embora tenham uma apresentação muito semelhante. O que há de comum entre eles?

- o formato: são anúncios de venda, do tipo que se encontra em classificados de um jornal;
- o tema: os dois “apresentam” as características de um sítio;
- a estratégia de venda: apresentar os pontos positivos do sítio que se deseja vender.

Qual seria, porém, a principal diferença entre eles? Note que o texto 1 foi retirado da seção de classificados de um jornal de grande circulação e o texto 2, de um livro intitulado Comédias para se ler na escola. Será que alguém que deseja vender um sítio vai anunciá-lo em um livro? Claro que não! O título do livro já nos fornece uma pista interessante, porque comédias são obras de ficção com o objetivo de fazer rir. Ora, ninguém acha classificados de jornal engraçados...

Essa diferença entre os textos 1 e 2 nos ajuda a compreender um aspecto muito importante sobre os textos: todos eles têm um contexto, ou seja, uma situação concreta em que são produzidos e, depois, lidos.

O CONTEXTO SOCIAL

Qual foi a situação concreta que motivou a redação do texto 1? Uma pessoa – o Sr. José Marques – deseja vender uma propriedade (seu sítio em Ibiúna) e a anuncia nos classificados de um jornal, para que as pessoas interessadas possam entrar em contato com ele. Então, quem escreveu o texto pensou em quem iria se interessar em comprar aquilo que ele tinha para vender. Poderíamos dizer, portanto, que o contexto desse texto é social (envolve relações entre pessoas de uma mesma sociedade).

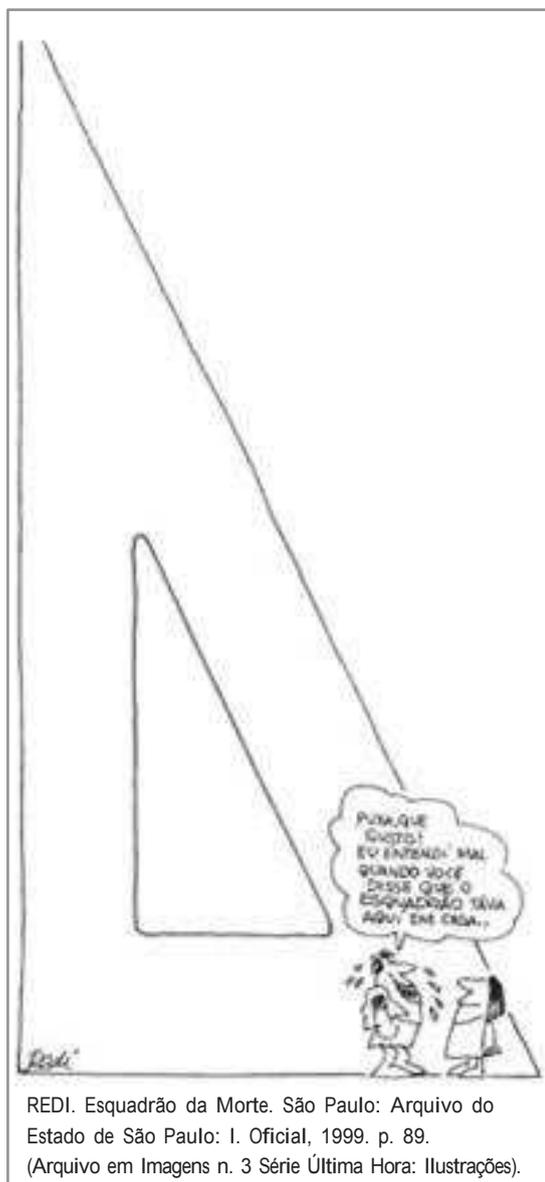
O CONTEXTO CULTURAL

E qual seria a situação concreta de produção do texto 2? Como já dissemos, esse texto foi publicado em um livro que tem por objetivo fazer as pessoas rirem (Comédias para se ler na escola). O autor do livro é um escritor e não pretende vender nenhuma propriedade. Na verdade, se lermos com atenção, veremos que quem anuncia um sítio, nesse caso, é “Deus”.

Essa informação, obtida no texto, é suficiente para percebermos que o autor pretende criar uma situação engraçada a partir da imaginação de que, depois de expulsar Adão e Eva do paraíso, Deus resolveu “vender” sua propriedade. Por isso o texto fala em “Água à vontade. Árvores frutíferas. Caça abundante. Um paraíso”. Para entender esse texto, temos de reconhecer as referências que faz a um outro texto, a Bíblia.

A Bíblia é um livro muito importante para todas as pessoas de religiões cristãs, mas é conhecido também por quem tem outras religiões. Algumas de suas passagens, como a expulsão de Adão e Eva do paraíso, fazem parte da cultura Ocidental.

O contexto do texto 2 pode ser identificado como cultural, porque faz referência a conhecimentos transmitidos no interior de uma cultura (a ocidental).



Quando lemos um texto, devemos sempre levar em consideração seu contexto, já que essa informação nos ajuda a compreender o sentido do próprio texto.

O CONTEXTO HISTÓRICO

Em alguns casos, se não conhecemos o contexto a que faz referência um texto, não conseguimos entender o que lemos. Observe a ilustração acima:

Esse texto é um cartum (um desenho que representa comportamentos humanos, de modo satírico, feito para publicação em jornal). Nele vemos um grande esquadro na frente do qual um homem conversa com uma mulher. O homem aparenta nervosismo (note que está enxugando o suor do rosto com um lenço) e fala que levou um susto ao saber que o “esquadrão” estava em sua casa.

O que você entendeu desse texto? Difícil, não é mesmo? O que será esse “esquadrão” de que fala o homem? Há diferentes possibilidades de interpretação desse termo. Uma delas é técnica e faz referência à geometria. Um “esquadrão” poderia ser um esquadro muito grande. E um esquadro é um instrumento chato em forma de triângulo retângulo que serve para traçar ângulos retos ou linhas perpendiculares, muito usado para desenhos geométricos.

A segunda interpretação é histórica e faz referência a um grupo de justiceiros que atuou no Brasil, durante a década de 1970, e se intitulou Esquadrão da Morte. O Esquadrão da Morte era formado por policiais que se reuniam e matavam os que eles julgavam bandidos. Como símbolo do grupo, eles deixavam, junto ao corpo, um cartaz em que aparecia uma caveira e duas tíbias cruzadas; embaixo, a inscrição: EM (Esquadrão da Morte). Esse grupo foi responsável por muitas mortes.

Com essa informação histórica, o texto faz mais sentido, não é mesmo? O medo do homem explica-se pela ameaça representada pelo Esquadrão da Morte. O desenho que aparece ao fundo é do instrumento usado na geometria. O cartunista está fazendo um jogo de palavras com os sentidos do termo “esquadrão”. Veja que, para compreender o cartum, precisamos recuperar o contexto histórico a que ele se refere e saber o que significou o Esquadrão da Morte.

Reconhecer críticas contra um comportamento como o do Esquadrão da Morte é importante, porque, ainda nos dias de hoje, vemos políticos em campanha eleitoral sugerirem que “bandido bom é bandido morto”, como se a sociedade pudesse dispensar as leis e todos devessem fazer justiça com as próprias mãos.



Desenvolvendo competências

2

1. (Enem/MEC)



O problema enfrentado pelo migrante e o sentido da expressão “sustança” expressos nos quadrinhos, podem ser, respectivamente, relacionados a

- a) rejeição / alimentos básicos.
- b) discriminação / força de trabalho.
- c) falta de compreensão / matérias-primas.
- d) preconceito / vestuário.
- e) legitimidade / sobrevivência.

2. Qual é o contexto dos quadrinhos (sequência de desenhos, com finalidade crítica ou humorística) reproduzidos acima? Explique sua resposta.

TODO TEXTO TEM UM UMA FUNÇÃO

Você já parou para observar que uma diferença importante entre os textos é a função que cumprem? Leia atentamente cada um dos textos que segue e veja se você consegue identificar qual a sua função:

Uma raposa faminta, ao ver alguns cachos de uvas pendentes de uma certa parreira, tentou apoderar-se deles, porém não o conseguiu. Afastando-se, então, dizia para si mesma: “Estão verdes”. Assim também certos indivíduos, não sendo capazes, por sua própria fraqueza, de resolver os seus problemas, acusam as circunstâncias.

Texto 1 - ESOPHO. A raposa e as uvas. In: _____. As fábulas de Esopo. Tradução de Manuel Azeiteira. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999. p. 309.

Panquecas

Ingredientes:

3 colheres (sopa) de trigo

1 colher (chá) de sal

2 ovos inteiros

1 xícara de leite

Modo de fazer:

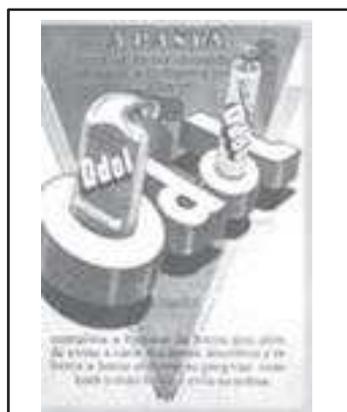
Mistura-se bem os ingredientes, tira-se às colheradas e põe-se na frigideira (ligeiramente untada com óleo) para fritar. Fogo brando. Recheia-se a gosto.

Texto 2

Existem, há dezenas de milhares de anos, inúmeros meios de transmitir mensagens através de desenhos, sinais, imagens. Entretanto, a escrita, propriamente dita, só começou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais seus usuários puderam materializar e fixar claramente tudo o que pensavam, sentiam ou sabiam expressar.

Tal sistema não surge da noite para o dia. A história da escrita é longa, lenta e complexa. História que se confunde, se entrelaça, com a história do próprio homem, um romance apaixonante do qual nos faltam, ainda hoje, algumas páginas.

Texto 3 - JEAN, Georges. A escrita: memória dos homens. Tradução de Lídia da Mota Amaral. In: _____. Um nascimento humilde. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 12. Tradução de: L'écriture: mémoire des hommes. (Descobertas Gallimard Arqueologia).



Texto 4 - CADENA, Nelson Varón. Brasil: 100 Anos de propaganda. São Paulo: Referência, 2001. p. 48.

E então, conseguiu identificar a função de cada um dos quatro textos? A primeira observação importante é a de que estamos diante de textos diferentes.

O texto 1 apresenta uma pequena história de uma raposa que desejava alcançar um cacho de uvas. Como não conseguiu, resolveu se convencer de que estavam verdes e não poderiam ser comidas. No fim da história, o comportamento da raposa é comparado ao comportamento de algumas pessoas que, quando não conseguem o que desejam, culpam as circunstâncias, em lugar de assumirem a própria responsabilidade pelo “fracasso”. Esse texto é uma pequena narrativa cuja função é orientar o comportamento das pessoas por meio de exemplos.

O texto 2 é facilmente reconhecível. Trata-se de uma receita de panquecas. Após a identificação dos ingredientes a serem utilizados (trigo, sal, ovos e leite), são dadas as instruções de como preparar as panquecas. A função desse texto é ensinar alguém a executar, passo a passo, uma operação (no caso, a preparar um tipo de comida). Vamos chamá-lo, então, de texto instrucional, porque apresenta as instruções a serem seguidas para alcançar um determinado objetivo (preparar um alimento, utilizar ou instalar um equipamento etc.).

O texto 3 difere dos dois anteriores. Ele não conta uma história inventada nem apresenta instruções. Na verdade, esse texto nos oferece informações sobre o surgimento da escrita. Seu objetivo é apresentar ao leitor dados que este desconhece (no caso, sobre a escrita). Vamos dizer, portanto, que sua função é expositiva, uma vez que apresenta (expõe) informações para o leitor.

O texto 4 traz um elemento novo: o investimento no aspecto gráfico. De dentro da palavra “odol” surgem um tubo de pasta e um frasco de elixir. O texto que acompanha essa imagem destaca as qualidades dos dois produtos. Seu objetivo é divulgar os benefícios a serem alcançados por quem os utilizar. Note que o texto apresenta as qualidades dos produtos, para que as pessoas que o leem se convençam de que eles são muito bons e devem ser comprados. Sempre que um texto tiver por objetivo convencer o leitor a agir de uma determinada maneira (comprar um produto, fazer uma doação etc.), diremos que sua função é persuasiva.

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

Persuadir: levar alguém a acreditar em algo que se diz e a agir de uma determinada maneira. É usado, em alguns casos, como sinônimo de convencer, embora o convencimento diga respeito à primeira parte da definição (levar alguém a acreditar em algo).

Além de observar que cada um dos textos tem uma função diferente, devemos também perceber que suas características se modificam, de acordo com a função que devem cumprir.

De modo geral, podemos identificar três grandes funções a serem desempenhadas por textos: a função narrativa, a função expositiva e a função persuasiva. Mas, o que significa cada uma dessas funções? Como identificá-las em um texto?

A FUNÇÃO NARRATIVA

Há muito tempo, os deuses navajos* organizaram uma grande cerimônia de cura. “Que caminhemos na beleza”, cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio.

BARTABURU, Xavier. Era uma vez no oeste. Terra, São Paulo, v. 11, n. 119, p. 44, mar. 2002.

* Navajo: tribo de índios da América do Norte.

Há, nos Estados Unidos, um ponto em que quatro estados (Utah, Colorado, Arizona e Novo México) se encontram. Ele é chamado de Four Corners

(quatro cantos, em inglês). Para explicar a sua criação, os índios navajos criaram a história apresentada acima.

Desde o início dos tempos, o ser humano faz uso das narrativas para refletir sobre o mundo em que vive. Quando ainda não tinha os conhecimentos científicos necessários para explicar uma série de fenômenos da natureza (terremotos, vendavais, amanhecer, anoitecer etc.), criava histórias nas quais deuses e homens conviviam. Geralmente, a ação dos deuses era vista como causa do fenômeno que não se conseguia compreender.

Volte ao texto dos navajos. Observe que a “Mãe-Terra” congela os deuses no espaço e no tempo para formar o Monument Valley (região onde se encontram os quatro cantos de que fala o texto). Essa ação não é explicada, não é real, mas permanece até hoje na memória de um povo como narrativa da origem de uma região.

Um geólogo (cientista que estuda a origem, a história e a estrutura da Terra) explicaria que essa região foi formada pela ação do vento e da neve, que, ao longo de milhares de anos, abriram as grandes fendas nas pedras e criaram a paisagem que caracteriza o Monument Valley.

Embora hoje se saiba qual é a explicação científica para esse fenômeno da natureza, os índios navajos preferem acreditar em sua narrativa e continuam a entoar a oração de cura que, segundo a história, foi cantada pelos deuses no momento de formação do vale:

Que haja beleza à minha frente
Que haja beleza por trás de mim
Que haja beleza acima de mim
Que haja beleza dentro de mim
Que eu possa caminhar sempre na
beleza.

BARTABURU, Xavier. Era uma vez no Oeste. Terra, São Paulo, v. 11, p. 57, mar. 2002.

A narrativa tem desempenhado, ao longo dos tempos, a função de preservar os costumes de um povo, de transmitir suas características culturais, de permitir a reflexão sobre o comportamento humano em geral.

AS CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA

Você deve ter observado que os textos narrativos que apresentamos têm algumas características específicas. Em primeiro lugar, as histórias contadas podem ser inventadas (ficcionais). Não se exige que uma narrativa apresente fatos verdadeiros.

De modo geral, toda narrativa tem um narrador (quem conta a história) que estabelece um ponto de vista a partir do qual a história vai ser contada (foco narrativo). Considere o seguinte texto:

Sempre me chamou a atenção, aquela senhora. Ela almoça no mesmo restaurante que eu. Todos os dias, à mesma hora, vejo-a entrar, sozinha, elegante em sua roupa escura, quase sempre de gola rulê, os cabelos muito brancos presos num coque. Pisa o chão de lajotas com passos incertos, o corpo muito magro um pouco encurvado, como se carregasse um peso invisível – ou um segredo. Sim, porque os segredos vergam as costas, pesam como fardos. E, ao olhar para ela, desde a primeira vez, fui tomada pela sensação de que tinha algo a esconder.

SEIXAS, Heloisa. Segredos: contos mínimos. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 19.

Quem conta a história? Logo no início do texto, podemos identificar a narradora: ela é alguém que almoça todos os dias no restaurante frequentado pela velha senhora. Como está todos os dias ali, observa a senhora, interpreta suas características, faz suposições a seu respeito (ela andaria curvada porque teria um segredo...). O ponto de vista a partir do qual essa história será contada é o dessa mulher que observa a velha senhora.

Além do narrador, o texto narrativo também apresenta personagens (as pessoas que participam dos acontecimentos contados pelo narrador), um espaço (nesse caso, fala-se do interior de um restaurante) e um tempo (momento em que os acontecimentos ocorrem, duração de cada um deles).

RELATO

Um outro tipo de texto em que também percebemos a função narrativa (apresentação de uma série de acontecimentos), sem que haja a construção de personagens, a caracterização de um cenário ou o estabelecimento de um tempo é o relato.

No nosso dia-a-dia, usamos o relato inúmeras vezes. Sempre que queremos contar algum acontecimento, relatamos o que se passou. Às vezes, somos solicitados a escrever pequenos relatos para nosso chefe, de modo a registrar uma ocorrência especial durante o expediente. A preocupação de quem relata algo deve estar voltada para o registro dos fatos, sem grande preocupação com detalhes.

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

• A crônica

Um tipo especial de narrativa é a crônica. A origem da palavra crônica é grega e vem de *chronos* (tempo). É por esse motivo que uma das características definidoras desse tipo de texto é o seu caráter atual. Nesse tipo de texto, encontramos a apresentação de fatos atuais, a partir dos quais um autor desenvolve reflexões mais abrangentes sobre o comportamento humano.

O FIM DO MUNDO, DE SEGUNDA A SEXTA, ÀS 20H

Rapaz é ofendido e por isso mata duas crianças e um adolescente que passeava de bicicleta. Ainda sem solução o caso do calouro de Medicina que foi encontrado morto numa piscina depois de uma sessão de trotes. Guarda mata por engano um rapaz que foi buscar a namorada no colégio. Vereador acusado de agiotagem. Prefeituras desviam verbas destinadas à educação. Deslizamento de terra mata 41 pessoas na Colômbia. 48 casas incendiadas numa cidade americana. Pilotos condenados a pagar 42 milhões de indenização por causa de uma greve ilegal. (...) Toneladas de remédios estragam num galpão da Secretaria de Saúde de Minas. Força de Paz é recusada em Kosovo. (...)

Esse não é um resumo dos males do século, e sim as notícias que foram ao ar pelo Jornal Nacional na sexta passada, 26 de abril [de 1999], uma data que escolhi aleatoriamente. (...)

Muita gente acredita que o mundo terminará numa explosão atômica ou na queda de um meteoro gigante, qualquer coisa assim, apocalíptica*. Começo a achar que não. Talvez o fim do mundo já esteja sendo vivido, só que em doses homeopáticas, um pouco a cada dia, pra gente se acostumar com a dor.

MEDEIROS, Martha. Trem-bala. 7. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 219-220.

* Apocalíptica: catastrófica.

Percebeu a diferença entre esse texto e a narrativa? Veja só: a autora fala de alguns acontecimentos (na verdade, anota as notícias dadas em um jornal) e os usa como ponto de partida para sua reflexão sobre o que pode ser o fim do mundo. Segundo ela, quando observamos o comportamento das pessoas, quando vemos tanto crime, tanta desonestidade, tanta guerra ao nosso redor, já estamos vendo o mundo se acabar aos poucos.

Os acontecimentos, nesse caso, serviram como base para a autora da crônica fazer sua reflexão mais geral sobre o comportamento humano. Eles não foram inventados, o texto não nos apresentou personagens, não caracterizou um cenário ou estabeleceu um tempo específico, o que deveria acontecer, caso fosse uma narrativa.

A FUNÇÃO EXPOSITIVA

Em lugar de apenas contar histórias, relatar acontecimentos importantes ou apresentar informações sob a forma de notícias, em determinadas circunstâncias, temos a necessidade de usar a linguagem de modo a convencer as pessoas com quem convivemos. Se temos um papel de liderança (em casa, no serviço, na comunidade da qual fazemos parte), não podemos contar com a força para convencer outras pessoas a agirem de uma certa forma ou fazerem o que julgamos mais acertado. Há ocasiões, ainda, em que precisamos explicar algo, ensinar um

procedimento ou uma técnica nova. Em resumo, precisamos de um texto que cumpra uma função expositiva.

A estrutura narrativa não é a mais adequada e eficiente para desempenhar tal função. É preciso organizar o pensamento e a fala de modo mais objetivo, identificar claramente os aspectos a serem observados ou analisados. Na escrita, o tipo de texto correspondente a essa maneira de olhar e enfrentar de modo mais objetivo e direto determinadas questões é o dissertativo.

- O texto dissertativo

A ALMA DA FOME É POLÍTICA

A fome é exclusão. Da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da economia, da vida e da cidadania. Quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais já lhe foi negado. É uma espécie de cerceamento moderno ou de exílio. A morte em vida. E exílio da Terra.

A alma da fome é política.

A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria. (...) Aqui não houve lugar para o acaso. Tudo foi produzido como obra calculada. Fria.

O resultado está aí diante dos olhos de todos. Uma parte ostensiva, rica, branca, educada, motorizada, dolarizada. Outra parte imensa na sombra, negra, analfabeta, dando duro todos os dias, comendo o pão que o diabo amassou (...). Dois mundos no mesmo país, na mesma cidade, muito próximos pela geografia e infinitamente distantes como experiência de humanidade. (...)

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases de existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

SOUZA, Herbert; RODRIGUES, Carla. Ética e cidadania. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Polêmica).

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

Você deve ter percebido que o texto acima começa por definir o que vem a ser “fome”. Para o autor, “quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais já lhe foi negado”. Por isso, ele defende a ideia de que toda pessoa que passa fome está excluída da sociedade. Matar a sua fome significa, então, reintegrá-la, fazer com que ela volte a fazer parte de uma comunidade, por meio da ação solidária.

Herbert de Souza escreveu esse texto com o objetivo de defender uma campanha que ele desenvolveu para combater a fome dos milhões de brasileiros miseráveis. Trata-se da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Como nos explica no texto: “Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.”.

Em um texto dissertativo, o objetivo do autor é mostrar para seus leitores que ele tem razão em pensar daquela maneira. Assim, concordar com o ponto de vista de Herbert de Souza, depois de ler o texto, significa começar a agir para combater a fome, contribuir para a construção de um Brasil mais democrático.

• O texto jornalístico

Você já deve ter reparado que um outro tipo de texto muito comum é aquele que nos apresenta informações. Pense, por exemplo, em um jornal. Todos os dias, encontramos nele inúmeras notícias. Lê-las significa descobrir o que está acontecendo no nosso país e no mundo. Podemos também procurar informações úteis nos jornais: a seção de classificados apresenta ofertas de empregos, casas e apartamentos para alugar etc. Nos feriados, o jornal nos informa sobre quais serviços ficarão abertos e fechados.

Embora a função de uma notícia seja expositiva, sua estrutura é diferente da de uma dissertação e assemelha-se à de um relato. Os elementos típicos de uma notícia costumam ser resumidos por uma “lista” de perguntas básicas: Q – Q – Q – O – C – PQ? (quem?, o quê?, quando?, onde?, como?, por quê?, para quê?). Ao responder a cada uma dessas perguntas, o jornalista assegura a apuração dos fatos e garante que dispõe das informações necessárias para redigir a sua matéria.



Desenvolvendo competências

3

Apresentamos, a seguir, uma notícia retirada de um jornal de grande circulação. Leia-a com atenção e identifique, no texto, a resposta para cada uma das perguntas básicas que devem ter orientado o jornalista no momento de redigi-la.

BRIGA DE GANGUES EM BH CAUSA MORTE

Belo Horizonte – O garoto Álvaro Oliveira Martins foi atingido na nuca por uma bala perdida, durante um tiroteio entre gangues rivais na noite de ontem, no bairro Morro das Pedras, na periferia de Belo Horizonte. Internado no Centro de Terapia Intensiva (CTI) do Hospital de Pronto-Socorro João XXIII, seu estado é considerado gravíssimo. Na troca de disparos, que a Polícia Civil acredita ter ocorrido por disputa por pontos do tráfico de drogas da região, uma pessoa morreu e outras quatro ficaram feridas.

Pedro Timóteo, de 52 anos, levou um tiro na cabeça e morreu ao dar entrada no hospital. A polícia não soube dizer se ele participava ou não do tiroteio. Os outros feridos não correm risco de morte e já receberam alta hospitalar. A PM apreendeu no local quatro cápsulas de espingarda calibre 12 e seis de uma pistola calibre 7.65.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 11 fev. 2001.

Outro aspecto importante a ser observado é que o texto das notícias deve ser imparcial. Se você leu com atenção, deve ter percebido que não temos como identificar o que sentiu ou pensou o jornalista a respeito do fato de o menino Álvaro de Oliveira Martins ter sido atingido por uma bala perdida. Podemos imaginar que, como qualquer outro ser humano nesse contexto, ele deve ter sentido pena do menino, deve ter ficado indignado com a situação – mais um exemplo da violência que assola nossas cidades –, mas nada disso faz parte do seu texto. Como dissemos, a função do texto jornalístico é informar. A informação, no caso, não diz respeito à reação ou aos sentimentos de quem escreve a notícia. O jornalista deve limitar-se à apresentação dos fatos apurados.

• O texto instrucional

Em algumas situações muito práticas, precisamos de orientações sobre como agir. Há um tipo de texto expositivo que nos auxilia nesse casos: o texto instrucional.

Pense, por exemplo, em um acidente doméstico muito frequente: as queimaduras. Alguém está cozinhando e, em um momento de distração, deixa cair água fervendo sobre a pele. O que fazer?

1. Em extremidades queimadas, remova relógios, pulseiras, anéis ou alianças.
2. Coloque a área queimada sob água corrente (torneira, mangueira). Isso irá resfriar o local, limpar e aliviar a dor.
3. Cubra o local atingido com um pano limpo e procure socorro médico.
4. Não coloque gelo, pasta de dente, clara de ovo ou qualquer outra coisa sobre a queimadura. Isso pode prejudicar muito a vítima, além de dificultar o trabalho do médico.
5. Não fure as bolhas.

Folheto distribuído em ato público na calorada 2002 das turmas de medicina, enfermagem e fonoaudiologia da Unicamp.

O texto anterior orienta o leitor sobre como agir em caso de queimadura. Veja que cada uma das instruções é formulada como uma ordem (ou comando): “coloque”, “remova”, “cubra”, “não coloque”...

Essa é uma característica específica dos textos instrucionais. Como o objetivo, nesse caso, é muito prático, quem escreve o texto pensa em quais ações devem ou não ser realizadas por quem socorre alguém que sofreu uma queimadura. De modo objetivo, são dadas orientações sobre o que precisa ser feito (lavar a área queimada com água corrente) e o que deve ser evitado (colocar substâncias estranhas sobre a queimadura, furar bolhas).

Sempre que precisarmos produzir um texto para orientar o comportamento de alguém, em uma situação específica, devemos nos lembrar de que as instruções devem reproduzir exatamente as ações a serem realizadas naquela situação.

A FUNÇÃO PERSUASIVA

Você já observou quantas vezes, ao andar pela rua, somos abordados por alguém que nos entrega um papel? São inúmeras propagandas, que nos oferecem produtos baratos, descontos maravilhosos, dinheiro facilitado... será que tudo isso é verdade? Será que podemos confiar nas propagandas?

Agora que estamos prestando atenção à estrutura dos textos, devemos atentar para uma característica marcante das propagandas: todas querem nos convencer a agir de uma determinada maneira (comprar um produto, pedir dinheiro emprestado, fazer doações para instituições de caridade, assistir a um filme etc). A função do texto, portanto, é persuasiva, já que persuadir, como vimos, significa levar alguém a acreditar no que dizemos e a fazer o que queremos ou sugerimos.

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

• A propaganda

É importante, porém, notar que existem diferentes textos persuasivos. A propaganda é um deles (talvez o mais conhecido) e tem uma estrutura específica. Observe:



O texto do folheto acima foi elaborado com uma finalidade específica. Você deve ter observado que tudo o que é dito no texto gira em torno de uma mesma ideia: a doação de órgãos é um gesto muito importante. A finalidade da propaganda, nesse caso, é convencer todos que a leem a se tornarem doadores.

Para convencer os leitores, o folheto apresenta uma imagem que sugere um argumento. Que imagem é essa? Muito bem: a de uma via de mão dupla. Essa imagem sugere que há um caminho de ida e de volta, e que não temos como saber em que lado desse caminho podemos nos encontrar. Dessa imagem nasce o argumento central da propaganda: é importante doar órgãos, porque nunca se sabe quem é que vai precisar de um transplante (você? alguém da sua família? um amigo?).

Um aspecto importante do texto persuasivo é o diálogo com o leitor. Note que o texto faz referência a “você”. Ora, quem é esse “você” que aparece no texto? Se você pensou em todos os leitores desse texto, acertou! A ideia é justamente a de fazer com que o leitor sinta que o texto “fala” diretamente com ele; levá-lo a acreditar que o seu envolvimento é essencial para o sucesso da campanha de doação de órgãos e tecidos. Pense bem: se todas as pessoas que receberem o folheto decidirem se tornar doadoras, provavelmente as longas filas de espera por um transplante acabarão e muitas vidas serão salvas.

É por isso que o texto persuasivo “fala” diretamente com o leitor. Ele precisa convencer quem o lê a agir de uma determinada maneira.

Da próxima vez que você receber uma propaganda, leia o texto com atenção, pergunte-se o que aquele texto quer levá-lo a fazer. Analise atentamente o que se afirma e veja quais são as condições estabelecidas para se obter um determinado benefício. Uma das nossas principais “armas” contra a propaganda enganosa é a capacidade de análise.

• A carta argumentativa

E se você precisar escrever um texto para convencer alguém a fazer algo por você? Já passou por uma situação como essa? Há momentos em que, para garantir nossos direitos, temos que apresentar, por escrito, uma reclamação. Alguns jornais oferecem a seus leitores espaços para publicarem suas reclamações sempre que se julgam mal atendidos ou que têm seus direitos desrespeitados. Veja o que aconteceu com um aposentado que resolveu aproveitar a oferta de um folheto de propaganda que prometia descontos na compra de medicamentos em uma farmácia específica.

A farmácia XYZ distribuiu folheto informando que aposentado conveniado a uma determinada empresa de saúde teria direito a 25% de desconto na compra de medicamento, mediante a apresentação da receita.

Como eu me enquadrava no que dizia o folheto, além de possuir o cartão da farmácia, procurei a loja e comprei o remédio de que necessitava.

Entretanto, ao efetuar o pagamento, o caixa informou-me que não teria direito ao desconto, pois o remédio não estava em promoção pela empresa da qual sou associado. Em casa, liguei para o Serviço de Atendimento ao Consumidor, que ficou de apurar os fatos e retornar. Voltei à loja e o mesmo caixa informou-me que a listagem de remédios muda diariamente e de acordo com cada convênio médico. Isso é bingo e não promoção. Seria mais honesto a farmácia afixar em lugar visível da loja a relação dos remédios em promoção.

Carta de Wilson S. B., adaptada da Coluna "Advogado de Defesa" do Jornal da Tarde, São Paulo, p. A3, 8 maio 2002.

Essa situação é típica da sociedade em que vivemos: faz-se uma propaganda para levar as pessoas a comprarem em uma determinada loja e, lá chegando, constata-se que aquilo que foi prometido não será cumprido. No caso do Sr. Wilson, a promessa de 25% de desconto em medicamentos certamente merecia a atenção de um aposentado. Na hora em que foi pagar, ele descobriu que havia restrições para os descontos (cada empresa conveniada dá direito a alguns descontos e não a todos), que a lista de remédios com desconto variava diariamente... enfim, uma série de diferenças em relação ao que se prometia na propaganda.

Esse consumidor conhecia um jornal que abria espaço para reclamações e mandou para lá a carta que lemos, explicando o que aconteceu. O advogado responsável pela coluna, após ler a carta do Sr. Wilson, comentou:

Advogado de Defesa: "Se o fornecedor faz publicidade ofertando descontos especiais para determinados grupos, é importante que na publicidade esclareça de maneira clara e precisa quais são as exceções da oferta (quais os remédios que têm e quais não têm descontos). Uma publicidade de oferta sem as ressalvas é enganosa por omissão e obriga o fornecedor a cumprir a oferta nos termos que induziu o consumidor a acreditar."

Coluna "Advogado de Defesa". Jornal da Tarde, São Paulo, 8 maio 2002. p. A3.

É importante que, como o Sr. Wilson, saibamos defender nossos direitos, sempre que necessário. A carta argumentativa é um texto que serve bem a essa finalidade. Como toda carta, ela é dirigida a um interlocutor específico (no caso, a pessoa a quem devemos apresentar nossas queixas e argumentos) e procura convencê-lo de que quem escreve tem razão em apresentar sua reclamação.

Volte ao texto do Sr. Wilson e identifique as razões de sua queixa. Você deve ter percebido que ele acusa a farmácia de propaganda enganosa, porque, no folheto que anuncia os 25% de desconto, não se revela que:

1. há uma restrição de produtos cujo preço será diminuído;
2. cada empresa de convênio define uma lista específica de medicamentos que terão desconto;
3. as listas de medicamento cujo preço será diminuído mudam diariamente.

Parece que o Sr. Wilson tem razão para reclamar. Se a propaganda promete 25% de desconto para aposentados com convênio da empresa X, tem de garantir o desconto. Não é correto, na hora em

Unidade II – A vida em uma sociedade letrada

que o freguês vai pagar sua compra, descobrir que há várias condições não reveladas para que ele se qualifique e possa obter o desconto prometido.

Saber utilizar os textos em nosso favor é um importante exercício de cidadania, porque, por meio de textos (orais ou escritos), defendemos nossos direitos, identificamos procedimentos irregulares, denunciemos injustiças...

Viver em uma sociedade letrada como a nossa exige que saibamos tornar a leitura e a escrita armas em defesa dos nossos direitos.



Desenvolvendo competências

4

Imagine que você foi até uma loja e comprou duas portas para serem entregues na sua casa, em 30 dias. O prazo se esgotou e as portas não chegaram. Você voltou à loja, reclamou com o vendedor e conseguiu receber as portas dois meses depois do combinado. Para piorar a situação, uma das portas não é do modelo escolhido por você. Indignado com a situação, você resolveu escrever uma carta para a coluna “Advogado de Defesa”, do jornal da sua cidade, denunciando a loja e pedindo uma orientação legal. Escreva essa carta.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, temas, macroestruturas, tipos, suportes textuais, formas e recursos expressivos.
 - Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
 - Analisar a função predominante (informativa, persuasiva etc.) dos textos, em situações específicas de interlocução, e as funções secundárias, por meio da identificação de suas marcas textuais.
 - Relacionar textos ao seu contexto de produção/recepção histórico, social, político, cultural, estético.
 - Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.
-

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

ENSINO MÉDIO

UNIDADE III, IV E V

FONTE: MEC / INEP / ENCCEJA

Prezado aluno (a),

No decorrer dos seus estudos, você deve levar em consideração as seguintes orientações básicas para a escrita correta das palavras, de acordo com a nova ortografia.

- 1- O trema (") foi abolido.Ex: bilíngue.
- 2- Palavras que terminam em óia,óias,óio,eia,éias,éio não são mais acentuadas.Ex: joia, joias, ideia,ideias,apoio.
- 3- Palavras que têm o grupo ei ou oi no meio não são mais acentuadas. Ex: heroico, proteico. Palavras que terminam em eis ou óis continuam com acento. Ex: papéis, herói, heróis.
- 4- Palavras que terminam em êem ou ôo (s) não são mais acentuadas. Ex: deem, creem, deem, voo.
- 5- Agora se escreve pelo, pelos, polo, polos, pera, para (do verbo parar).
- 6- As formas do verbo arguir e redarguir: arguis, argui, arguem, redarguis, redargui, redarguem.
- 7- Passará a ser exigido o uso do hífen nas palavras com prefixos (anti, super, inter, semi, ultra etc.)
 - a) Sempre se usa o hífen diante de palavra começada com H. Ex: anti-higiênico, super-homem, sobre-humano.
 - b) Usa-se o hífen se o prefixo terminar com a mesma letra com que se inicia a outra palavra. Ex: micro-ondas, anti-inflamatório.
 - c) Não se usa o hífen se o prefixo terminar com letra diferente com que se inicia a outra palavra. Ex: autoescola, intermunicipal, superinteressante.

Observações:

Se o prefixo terminar por vogal e a outra palavra começar por R ou S, dobram-se essas letras. E: minissaia, ultrassom.

Sempre se usa o hífen com os prefixos ex, sem, além, recém, pós, pré, pró, vice. Ex: ex-aluno, sem-terra, além-mar, recém-casado, pós-graduação.

TUFANO, Douglas. PÁGINAS ABERTAS. São Paulo: Paulos, ano 34, nº 37, 2009.

Sumário

Unidade III	
Defendendo ideias e pontos de vista	34
Maria Sílvia Olivi Louzada	
Unidade IV	
Das palavras ao contexto	48
Eliane Aparecida de Aguiar	
Unidade V	
Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas.....	62

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

UNIDADE III

DEFENDENDO IDEIAS E PONTOS DE VISTA

ENSINO MÉDIO

Unidade III

Defendendo ideias e pontos de vista

João e Dora haviam mudado há pouco mais de um mês para aquela cidade. Não tinham filhos como os seus vizinhos de bairro, o que dificultava um pouco os primeiros contatos com eles. João trabalhava em uma fábrica de cerâmica e Dora cuidava da casa.

À noitinha, após o jantar, marido e mulher sentaram-se na varanda da casa e, como faziam sempre, puseram-se a conversar sobre os acontecimentos do dia.

– Sabe, João, a nossa nova vizinha da frente puxou conversa comigo hoje quando eu estava varrendo a calçada. Ela se chama Rosa e é muito simpática. Disse que se eu precisar de qualquer coisa posso contar com ela.

– Você está falando da mulher daquele tal de Antônio? Ele trabalha comigo lá na fábrica e ontem puxou prosa comigo no ônibus. Acho que ele é uma boa pessoa. Temos sorte de ter bons vizinhos, você não acha?

Dois dias depois, João chega do trabalho e vai logo dizendo para Dora:

– Sabe o que aconteceu hoje na volta da fábrica? O Antônio me pediu dinheiro emprestado... Pode? A gente nem se conhece direito e ele acha que vou emprestando dinheiro desse jeito? Não gosto de gente assim!

No início do texto, Dora e o marido têm a mesma opinião sobre os novos vizinhos? O que pensam sobre eles?

Ao final do texto, acontece um fato novo fazendo João mudar rapidamente de opinião sobre o seu vizinho. Que fato é este?

Você deve ter percebido que, de acordo com a situação, João manifesta duas opiniões sobre o vizinho.

Preencha os espaços com os motivos, ou os argumentos de João para confirmar suas duas opiniões sobre o vizinho:

- 1) O vizinho é considerado bom quando.....
- 2) Mas o vizinho deixa de ser bom quando.....

Pois é, todos nós podemos ter opiniões muito diferentes e até contraditórias sobre todos os assuntos, dependendo da situação em que nos encontremos, dos interesses que tenhamos, das pessoas com quem conversemos... A nossa opinião também pode mudar, dependendo das circunstâncias, como no caso de João, que mudou de opinião quando seu vizinho lhe pediu dinheiro emprestado.

Unidade III – Defendendo ideias e pontos de vista

Neste capítulo, você vai ter oportunidade de refletir sobre a existência e a manifestação de diferentes opiniões e pontos de vista sobre muitos assuntos.

Vai também poder pensar sobre as diferentes maneiras de defendermos nossas opiniões e ideias, quando desejamos convencer todos aqueles com quem convivemos de que estamos corretos, de que a nossa opinião sobre um acontecimento ou sobre as outras pessoas é que tem valor. Não é assim, na sua vida?

As pessoas com quem você convive não estão sempre querendo que você acredite no que elas estão dizendo? E você também faz o mesmo com elas, não é mesmo?

Você também vai descobrir e compreender que podemos utilizar muitos modos, muitas estratégias para fazer os outros acreditarem no que dizemos.

Você vai perceber que, dependendo do momento, do lugar, das circunstâncias e do que pensamos sobre a pessoa com quem estivermos conversando, podemos escolher o modo de falar, o que falar, quando falar... sempre com o objetivo de convencê-la sobre alguma ideia nossa, ou ainda, sobre alguma ação que desejamos que ela realize.

Você pode estar-se perguntando: por que é importante estudar tudo isso?

Certamente, você concordará que todo cidadão, para poder viver bem em sociedade, deve:

- perceber e entender o que significam os textos que os outros falam ou escrevem;
- reconhecer os textos orais e escritos que têm a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos;
- compreender que, na sociedade, convivem muitos interesses e que cada pessoa ou cada grupo procura defender suas ideias e ações e que nem sempre elas coincidem com as de outras pessoas ou de outros grupos;
- descobrir quais são os objetivos daqueles que falam conosco ou que escrevem para nós;
- identificar as estratégias que as pessoas costumam usar para conseguir de nós o que desejam.

O QUE É E COMO SE FORMA O PONTO DE VISTA?

Quando alguém tira uma foto de outra pessoa ou de um lugar, escolhe o que deseja retratar, isto é, toda vez que alguém usa uma câmara fotográfica para registrar uma cena, faz isso a partir de um ponto de vista: escolhe um ângulo, um jeito e uma posição para registrar a cena: de longe ou de perto, de um lado ou de outro, de baixo para cima ou de cima para baixo...

Veja como isso acontece na foto a seguir.

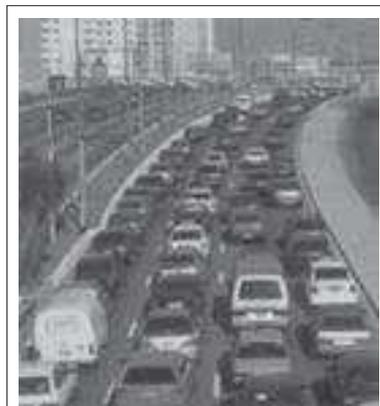


Figura 1

Que legenda você escreveria para colocar abaixo dessa foto?

Observe que se escolheu um modo especial de fotografar a cena: de cima para baixo, buscando apreender toda a extensão do congestionamento, como forma de possibilitar que quem a olhasse pudesse ter a dimensão do que acontecia, isto é, perceber que se tratava de um grande congestionamento. Podemos entender, portanto, que esse é o ponto de vista escolhido pelo fotógrafo.

Na sua opinião, o que se pretendeu demonstrar com esta foto?



Desenvolvendo competências

1

Observe agora, atentamente, a foto a seguir, e pense sobre o ponto de vista com que foi tirada. O que você pensa que a foto procura demonstrar sobre os torcedores de futebol e seus sentimentos?



Figura 2

Você verificou com suas análises que fotografar é um modo de manifestar opinião sobre as coisas e as pessoas, pois encerra um ponto de vista sobre elas, isto é, um modo de vê-las. No entanto, não é apenas fotografando que se pode fazer isso. Quando uma pessoa se comunica com a outra, falando ou escrevendo, está também manifestando seus pontos de vista, suas opiniões sobre tudo e sobre todos.

O modo mais frequente de fazer isso ocorre nas conversas com os amigos e familiares. Sempre que você ouve alguém dar uma opinião sobre alguma coisa, não quer logo dizer a sua?

Nas entrevistas, nos debates, nas conversas informais, nos textos escritos assinados que encontramos em jornais e revistas, aparecem as opiniões e pontos de vista dados pelas pessoas, que fazem isso com o objetivo de convencer quem ouve ou quem lê.

Podemos, então, dizer que todo texto oral ou escrito procura, em menor ou maior grau, convencer, persuadir o ouvinte ou o leitor.

PARA CONVENCER, É IMPORTANTE SABER COM QUEM FALAMOS!

Você bem sabe que todas as pessoas têm também opiniões sobre si mesmas e sobre os outros, não é mesmo? É isso que muitas vezes nos faz julgar o nosso modo de agir e também o das outras pessoas numa dada situação.

Sempre que falamos com alguém, procuramos fazê-lo acreditar em nós, no que dizemos. E precisamos também acreditar em nossas ideias para que possamos convencer o outro.

Para isso, costumamos criar uma imagem sobre nós mesmos — quem somos, o que pensamos, o que fazemos, qual é a nossa importância — e também uma imagem sobre o outro com quem falamos — quem é, o que pensa, o que faz, qual a sua importância.

Essa imagem está sempre em nossa mente quando elaboramos aquilo que dizemos ou escrevemos. Sem isso, não conseguiremos jamais atingir a pessoa com quem conversamos ou para quem escrevemos, convencendo-a sobre nossas opiniões e ideias, ou fazendo-a realizar as ações que desejamos que faça.

Unidade III – Defendendo ideias e pontos de vista

MANUAL DE INSTRUÇÕES: PRECAUÇÕES IMPORTANTES:

- Certifique-se de que a voltagem de sua residência é compatível com a do ferro adquirido.
- Proteja-se contra choque elétrico; não mergulhe o ferro em água ou outros líquidos.
- Nunca puxe o cabo para desligá-lo da tomada; em vez disso, segure o plugue e puxe.
- Não deixe que o cabo elétrico toque em superfícies quentes. Deixe o ferro esfriar antes de guardá-lo, enrolando o cabo ao redor da base.
- Não use o ferro se o cabo elétrico ou o plugue estiverem em más condições ou se o ferro tiver sido derrubado ou danificado de qualquer maneira.

Texto adaptado de Manual de Instruções.

Esse texto procura convencer as donas-de-casa a utilizarem o ferro de passar com os cuidados recomendados. Para isso, observe que as instruções vêm sob a forma de ordens, de comandos: certifique-se, proteja-se, não mergulhe, nunca puxe, segure, puxe, não deixe, deixe, não use.

Qual a dona-de-casa que, lendo estas instruções tão diretas, se atreveria a fazer o contrário, sujeitando-se a sofrer um acidente doméstico por mau uso do ferro?

Pode-se dizer, neste caso, que a imagem da leitora desse manual foi adequadamente pensada, por isso ele alcançará seus objetivos: fazer a dona-de-casa usar corretamente o ferro de passar.

No entanto, muitas incompreensões, discussões, mal-entendidos e enganos são produzidos em função de uma imagem errada da pessoa com quem falamos.

Veja esse trecho de uma entrevista, que o vaqueiro Manuelzão (88 anos), personagem da obra do escritor mineiro Guimarães Rosa, concedeu a um jornal, quando ainda vivia:

“Não sei nada de política, porque não acredito num nada do que os políticos prometem. Prometem tanto, que já bastava a metade. Acreditar neles é bobagem...”

SANTOS, Jorge Fernando dos. Dois dedos de prosa com um velho vaqueiro. Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 ago. 1992. Segunda Seção.

O ponto de vista de Manuelzão sobre os políticos que conheceu não era muito positivo, não é mesmo? O que fez Manuelzão duvidar dos políticos?

Muitos são os indivíduos que, às vezes, procuram enganar as pessoas mais simples com o seu discurso “bonito”, cheio de promessas, para conseguir a sua confiança. Nem sempre, porém, eles conseguem convencê-las do que dizem, se fizerem uma imagem errada delas, como vimos em relação ao Manuelzão, que não acreditou nas promessas dos maus políticos que conheceu.



Desenvolvendo competências

2

Quando os leitores “imaginados” pela revista ou jornal não aceitam as ideias de quem escreveu e, portanto, não ficam convencidos, costumam reagir, muitas vezes até com indignação, escrevendo críticas à seção de cartas das revistas e jornais, como veremos no trecho a seguir.

“O artigo ‘Fora Romário’ de Diogo Mainardi (27 de fevereiro), que condenou uma eventual convocação do baixinho para a Copa do Mundo 2002, provocou grande polêmica entre os leitores. Dezenas deles concordaram com o autor, achando que o jogador já passou da idade. O grupo pró-Romário contra-atacou, sugerindo a VEJA ‘desconvocar’ Mainardi.”

ROMÁRIO. Entrevista concedida à Veja on-line. São Paulo. n. 9, p. 24.

A revista admite que o artigo escrito por Diogo Mainardi não foi aceito por todos os leitores. A expressão do texto que demonstra a indignação dos leitores favoráveis a Romário é:

- Eventual convocação do baixinho.
- Provocou grande polêmica.
- Passou da idade.
- “Desconvocar” Mainardi.

Você percebeu como é importante fazer uma imagem adequada da pessoa com quem falamos ou para quem escrevemos para poder persuadi-la, convencê-la das nossas ideias?



Desenvolvendo competências

3

Leia as cartas de leitores de jornais e revistas e assinale aquela em que se pode perceber que a imagem do leitor foi adequadamente projetada e, por isso, ele se declara convencido e aceita as ideias publicadas.

- “Como servidora pública — sou professora — pago diversos impostos. Ao ler o artigo “O peso do servidor nas finanças estaduais”, escrito por Renato Follador, me senti humilhada por ser apresentada aos leitores da Gazeta do Povo como sanguessuga do dinheiro do Estado.”

WISNIEWSKI, Paulina, Mallet, Pr. [Carta] Gazeta do Povo, 28 mai. 2002. Coluna do leitor, p. 11.

- “Quero manifestar minha satisfação e respeito pelos jornalistas que têm demonstrado seriedade. (...) A imprensa vem cumprindo de modo brilhante o seu papel dentro da sociedade, (...) pois desmascara as falcatruas desses bandidos travestidos de homens de bem.”

MOREIRA, Idalina. [Carta] Estado de Minas, Belo Horizonte, 29 mai. 2002. Cartas à redação, p. 6.

- “Registro meu desconforto ao ler as notícias “Justiça cassa mandato de prefeito de Santa Cruz” (ZH de 18 de maio), (...) e “Prefeito de Santa Cruz do Sul recorre de cassação” (21 de maio). É equivocada a forma abordada por ZH ao tratar como cassados os direitos políticos dos mandatários de cargo público.”

ALMEIDA, Jezoni Luis Dias, (Estudante). [Carta] Zero Hora, Porto Alegre, 29 mai. 2002, p. 2.

- “Na matéria “De onde você é?” (1º de maio) sobre o perfil do executivo nas diferentes regiões do Brasil, faltou um item sobre o profissional do sul do país. Não sei qual foi o motivo dessa ausência, mas no sul tem muita gente competente!”

HUMMEL, Aline. [Carta] Exame, São Paulo, 29 maio 2002. Cartas, p. 11.

USAMOS MUITAS ESTRATÉGIAS PARA CONVENCER...

Como você já percebeu, o primeiro passo para podermos vencer alguém de alguma coisa é sabermos com quem queremos falar. Isso é fundamental para selecionarmos quais os modos de falar ou de escrever que vamos usar, isto é, quais as estratégias que vamos utilizar para melhor convencer o nosso ouvinte ou leitor.

Vamos imaginar a seguinte cena:

A mãe vai sair e a filha adolescente insiste em ir com ela. Durante o trajeto de ônibus em direção ao centro da cidade a filha diz:

– Mãe, lembra-se que na semana passada eu saí com a Magali? Nós fomos tomar um sorvete. Sabia?

– É mesmo? Eu pensei que vocês tinham ido à casa da Cida...

– Bem, a gente queria mesmo era olhar as vitrines... por isso fomos ao centro. Vi uma camisetinha tão bonitinha numa loja... Sabe aquela de moda jovem que fica ao lado da sorveteria? É a minha cara... e combina com minha calça nova...

– Você sabe muito bem que viemos aqui comprar o presente da sua tia! Não tenho dinheiro para ficar gastando com essas coisas...

– Ah, mãe, ela é tão baratinha. Se a gente não comprar algo muito caro para a tia Rose, vai sobrar para a minha camisetinha... Que tal? Compra, vai...

– Vamos ver se o dinheiro dá...

Esta cena seria bem possível de acontecer com muitas pessoas, não é mesmo? Ao insistir em acompanhar a mãe, a filha já tem um objetivo em mente: comprar a camiseta de que tanto gostou. O seu problema é convencer a mãe a realizar o seu desejo de compra.

A primeira estratégia da filha é iniciar a conversa durante o trajeto de ônibus, retomando uma situação anterior, quando viu a tal camiseta de que tanto gostou. Observe que sua opção é sugerir a compra, tentando fazer a mãe deduzir o seu desejo. Ela não diz diretamente que deseja comprá-la: É a minha cara... e combina com minha calça nova... São esses os argumentos que usa para buscar o convencimento da mãe.

Você acha que a mãe, por sua vez, interpretou corretamente a intenção da filha?

A resposta da mãe traz outros importantes argumentos para rebater, contestar o que a filha propõe. Quais são eles?

A filha, no entanto, não desiste e propõe uma outra solução. Você acha que a mãe saiu, finalmente, “vencedora” do diálogo com a filha?

A mãe entendeu que a filha desejava comprar a camiseta, mas argumenta que o seu objetivo é comprar um presente para a tia Rose e que não tem dinheiro suficiente para comprar a camiseta.

A solução proposta pela filha parece ter convencido a mãe, pois sua resposta deixa entrever a possibilidade de comprar um presente mais barato para a tia.

Podemos afirmar que nesta situação é evidente a intenção da filha de fazer a mãe aceitar o seu desejo como legítimo, acreditando no que diz, e agindo para realizá-lo, comprando a tal camiseta.

A filha planejou a situação comunicativa baseada na imagem que tem da mãe, a partir de outras situações vividas com ela que lhe mostraram que ela pode ceder aos seus desejos, mas também baseada numa ideia generalizada que todos temos de mãe, como aquela que sempre está preocupada com o bem-estar de seus filhos, e por isso procura tudo fazer para vê-los felizes. São essas ideias, esses valores de que todos participam que orientam a fala da filha adolescente tentando convencer a mãe.

Podemos, pois, dizer que a filha usou duas estratégias para convencer a mãe:

1) a primeira baseada na comoção, isto é, buscou fazê-la ficar “comovida” com o seu desejo de compra – É a minha cara... e combina com minha calça nova...;

2) a segunda estratégia, baseada em raciocínio lógico, foi utilizar um argumento que indica uma solução possível, ao sugerir uma alternativa de compra para o presente da tia, de modo que sobrasse dinheiro para comprar também a sua camiseta: – Ah, mãe, ela é tão baratinha. Se a gente não comprar algo muito caro para a tia Rose, vai sobrar para a minha camisetinha... Que tal? Compra, vai...



Desenvolvendo competências

4

Faça uma pesquisa entre seus familiares e amigos, perguntando-lhes como fariam para convencer alguém a fazer o que desejam, por exemplo: a comprar-lhes alguma coisa, a passear com eles em algum lugar, a desistir de uma ideia etc.

Compare depois suas respostas e verifique quais as estratégias mais utilizadas por eles e, dessas, qual a que foi mais convincente.

EXISTEM MUITOS TIPOS DE ARGUMENTOS...

Há muitos modos de buscar realizar o convencimento de quem nos ouve ou lê, muitos tipos de argumentos que podemos utilizar para esse fim.

Leia o folheto a seguir, que foi distribuído em todas as casas de uma cidade paulista.

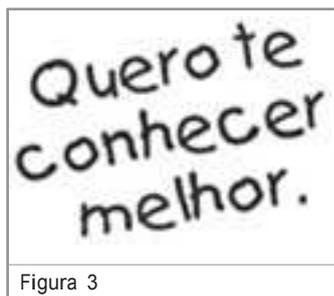


Figura 3

O folheto, que veio dobrado ao meio, tinha esta frase na capa — Quero te conhecer melhor. — que lembra uma frase muito usada quando alguém deseja conquistar outro alguém, quando quer seduzi-lo, não é mesmo?

A estratégia usada no folheto é a sedução, pois, provavelmente, todas as pessoas que o receberam devem ter ficado ao menos curiosas para ver do que se tratava, não resistiram ao apelo e quiseram saber quem desejava conhecê-las melhor. Abriram o folheto e leram o recado dado, como pretendiam o Governo Federal e a Prefeitura Municipal.



Figura 4

O texto diz: Receba bem o cadastrador do Cartão Nacional de Saúde. Como você entendeu esta frase: Como uma ordem? Como um apelo?

Como você deve ter percebido, essa é uma maneira bem direta de convencer o leitor — no caso, todas as pessoas que moram em Araraquara — porque apela, pede que cada uma faça algo que se quer: receba bem o cadastrador.

O argumento apresentado para convencer o leitor do folheto é um argumento com base no raciocínio lógico, pois apresenta uma relação de causa-consequência entre a primeira proposição — Receba bem o cadastrador do Cartão Nacional de Saúde — e a segunda proposição — Assim, vai ser possível melhorar e agilizar o atendimento do SUS.

O TESTEMUNHO DE OUTRA PESSOA TAMBÉM CONVINCE!

Outra forma muito comum de fazermos as pessoas acreditarem naquilo que dizemos é apresentar alguém que possa confirmar aquilo que afirmamos, testemunhar a favor do que dizemos. Trata-se de um argumento de autoridade, porque quem ouve ou lê o que a pessoa diz ou faz não costuma duvidar de sua palavra ou conduta.

Observe ao lado a campanha do “Projeto Escola Jovem”, do Governo do Estado de São Paulo.

Lendo esta campanha, você acha que alguém pode ter duvidado da importância do professor na vida das pessoas? Por quê?

A foto de uma professora e de sua aluna de uma determinada escola paulistana cumpre, nesta campanha, a função de testemunhar, de comprovar o que se diz.

Este, porém, não é o único modo de usar a imagem e a autoridade de outra pessoa para convencer quem lê.

Veja no texto a seguir o que acontece.

Quem nunca teve um professor com quem se emocionar, nunca teve um professor.

De vez em quando aqui háde alguém na sala de aula para contar experiências de sua vida, é o professor. Por isso, o Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio, criado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, está fazendo uma verdadeira revolução no ensino de médio. É oferecendo a muitos professores da rede pública estadual de São Paulo cursos gratuitos de aperfeiçoamento nas principais universidades do Brasil. São cursos que estão melhorando o conhecimento e a qualidade das aulas em nossas escolas. Acredite: todos são importantes, alunos, pais, professores, funcionários da escola. Na educação, juntos, temos conhecimentos e experiências. Na escola, com carinho.

PROJETO ESCOLA JOVEM
Expansão do ensino médio
Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio - PROEMÉDIO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Pensar e promover mudanças de qualidade.

Figura 5



Desenvolvendo competências

5

Na hora de comprar jornais e revistas você logo pensa na banca da esquina, certo? Não necessariamente. Nos últimos anos, a modernização do negócio levou algumas bancas a trocar os velhos quiosques de alumínio por outro espaço — as lojas. (...) Uma das mais antigas do país, a revistaria Di Donato, fundada em 1988, na rua Fradique Coutinho, também em Pinheiros, abriu as portas após reforma de um ponto da família. Hoje, o dono, Victor Antônio Di Donato, não tem do que reclamar. (...) “Não dá para ficar rico, mas consigo pagar as minhas contas, as dos outros dois sócios e ainda manter um empregado”, afirma Di Donato. Segundo ele, numa revistaria o cliente se sente à vontade para ficar mais tempo e, assim, acaba gastando.

WANDICK, Donizetti. A banca revista. São Paulo, n. 6, p. 17, 20 mar. 2002. Parte integrante da edição 762 da revista Exame.

No texto o Sr. Victor Antônio Di Donato diz: “Não dá para ficar rico, mas consigo pagar as minhas contas, as dos outros dois sócios e ainda manter um empregado”. Na sua opinião, qual é o objetivo de o texto citar entre aspas o que ele disse?

- (A) Comprovar as vantagens da revistaria com um depoimento de quem entende do negócio.
- (B) Demonstrar que quem é dono de revistaria não consegue jamais enriquecer.
- (C) Explicar o motivo de as antigas bancas de jornais e revistas estarem falindo.

- (D) Incentivar os leitores a comprar sempre em antigas bancas de jornais por serem mais confiáveis.

DADOS, NÚMEROS, PORCENTAGENS... PROVAM E CONVENCEM!

Lendo o texto a seguir, vamos conhecer ainda outros tipos de argumentos para defender a ideia do autor e realizar o convencimento do leitor.

LIXO NÃO EXISTE

A frase acima pode soar absurda. Mas é isso mesmo que pensa o economista Sabetai Calderoni, da Universidade de São Paulo, maior especialista brasileiro em lixo e conselheiro da ONU no assunto. Segundo ele, o conceito que a sociedade tem do lixo “é produto de uma visão equivocada dos materiais”. Sabetai, autor do livro *Os Bilhões Perdidos no Lixo*, afirma que, embora nem tudo o que se joga fora possa ser aproveitado como comida, todo o lixo pode ser aproveitado de alguma forma.

Um dos maiores potenciais desperdiçados é o não- aproveitamento do lixo orgânico, que geralmente vem de restos de alimentos. Esse lixo poderia se transformar em algo útil se passasse por um processo chamado compostagem. Nele, o lixo é submetido à ação de bactérias em alta temperatura e se transforma em dois subprodutos. Um é um adubo natural, o outro é o gás metano, que é usado na geração de energia termoelétrica.

A quantidade de gás metano produzido pela compostagem de todo o lixo orgânico brasileiro que não pode ser recuperado como comida seria suficiente para alimentar uma usina de 2 000 megawatts (a usina nuclear de Angra I tem capacidade de 657 megawatts). Uma usina termoelétrica como essa produziria, em um ano, 3,6 bilhões de reais em energia. E jogamos quase todo esse dinheiro no lixo. Só 0,9% do lixo brasileiro é destinado a usinas de compostagem.

E estamos falando apenas do lixo orgânico. O inorgânico também poderia gerar lucros. A reciclagem de vidro, plásticos e metais é perfeitamente viável em termos econômicos – e já é praticada, em quantidades cada vez maiores.

O país lucraria também ao poupar o dinheiro que é gasto para dar fim ao lixo. “Lixo é o único produto da economia com preço negativo”, diz Sabetai. Em outras palavras, o processamento de lixo é o único negócio no qual a aquisição da matéria-prima é remunerada – paga-se para livrar-se dela. E paga-se muito. As prefeituras brasileiras costumam gastar entre 5% e 12% de seus orçamentos com lixo.

Sem falar que o melhor aproveitamento do lixo valorizaria dois bens que não têm preço: a saúde da população e a natureza. Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, 76% do lixo brasileiro acaba em lixões a céu aberto. Esses lixões são uma ameaça à saúde pública porque permitem a proliferação de vetores de doenças. Além disso, a decomposição do lixo nesses locais não só gera o metano que polui o ar como também o chorume, um líquido preto e fedido que envenena as águas superficiais e subterrâneas.

O outro motivo para incentivar essa indústria são os empregos que ela poderia gerar. O Brasil produz 280 000 toneladas de lixo por dia. Descontando as 39 000 toneladas de alimento viável que poderiam ser facilmente extraídas desse lixo e disponibilizadas às populações carentes, ainda seria possível gerar 120 000 empregos só no processamento do resto, nos cálculos de Sabetai. Pois é. Lixo não existe. O que existe é ignorância, falta de vontade e ineficiência.

VELLOSO, Rodrigo. Comida é o que não falta. Superinteressante on line. Disponível em: www.uol.com.br/revistas/supernovas. acesso março 2002, (adaptação) Abril S.A.

Vamos, agora, examinar detalhadamente o modo como este texto foi escrito e procurar descobrir do que e como ele quer convencer o leitor.

Observe que o título do texto — Lixo não existe — traz uma afirmação que parece contrariar aquilo em que todos acreditam, pois todos nós produzimos e jogamos muito lixo fora, não é mesmo?

Ao final desse parágrafo, explica-se o que isso quer dizer: todo o lixo pode ser aproveitado de alguma forma. Essa é a ideia defendida pelo economista Sabetai Calderoni no texto. Em outras palavras, essa é a tese defendida pelo economista no texto e ele vai procurar convencer o leitor de que ela é verdadeira.

No segundo parágrafo, explica-se que o lixo orgânico, obtido com a compostagem, poderia ser

Unidade III – Defendendo ideias e pontos de vista

aproveitado sob a forma de adubo natural ou de gás metano. É o primeiro argumento para defender a tese.

Este argumento vem explicado no terceiro parágrafo, através da apresentação de dados numéricos e estatísticos que procuram comprovar o que se disse: “... suficiente para alimentar uma usina de 2.000 megawatts... (que) produziria em um ano 3,6 bilhões de reais em energia. E jogamos fora todo esse dinheiro no lixo. Só 0,9% do lixo brasileiro é destinado a usinas de compostagem”.

No quarto parágrafo, insiste-se na defesa da tese, explicando que o lixo inorgânico também poderia gerar lucros pelo processo de reciclagem. Essa ideia vem comprovada no quinto parágrafo, quando se explica que o país lucraria, também, ao poupar o dinheiro que é gasto para dar fim ao lixo.

Como se comprova no texto esta afirmação?

A ideia de que o lixo inorgânico também poderia gerar lucros pelo processo de reciclagem é defendida nos parágrafos 6 e 7, através de outros dados numéricos e estatísticos:

- Para que servem os dados estatísticos

apresentados no sexto parágrafo: “Segundo a Pesquisa Nacional do Saneamento Básico, 76% do lixo brasileiro acaba em lixões a céu aberto?”

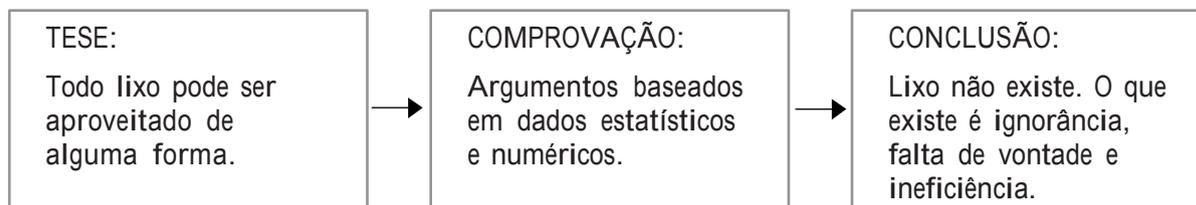
- O sétimo parágrafo explica com dados numéricos que o lixo poderia gerar 120.000 empregos só no processamento do resto. Você acredita que esses dados são convincentes?

Ao final do sétimo parágrafo, repete-se a frase-título — Lixo não existe — para confirmar, depois de tudo o que foi exposto, que realmente a tese está correta. E conclui: “O que existe é ignorância, falta de vontade e ineficiência”.

Dessa forma, ao analisar este texto, pudemos perceber que outro modo muito interessante de argumentar, isto é, de defender nossos pontos de vista e ideias, as nossas teses, é apresentar dados estatísticos, numéricos, que comprovem o que estamos afirmando.

COMO ESCREVER UM TEXTO PARA CONVENCER O LEITOR?

Observamos também, analisando o texto Lixo não existe, o modo como o texto foi feito para convencer o leitor, conforme representamos no esquema a seguir:



Este é um bom modo de construir os textos quando pretendemos escrever nossas ideias e defendê-las para alguém. É sempre necessário:

- fazer uma lista dos argumentos que vamos utilizar,
- escolher bem as palavras,
- escrever de modo claro e objetivo para que todos possam entender,
- organizar em parágrafos as ideias que vamos apresentar: iniciar com a tese, apresentar os argumentos e, ao final do texto, concluir, reforçando a tese.

**Desenvolvendo competências****6**

Ao final do texto Lixo não existe, conclui-se que o que existe é ignorância, falta de vontade e ineficiência. Pense em soluções para resolver esse problema: Você acha que a população brasileira poderia ajudar a melhorar a coleta do lixo? Como? Que proposta você faria ao prefeito da sua cidade para esclarecer o povo sobre a necessidade de reaproveitar o lixo?

**Desenvolvendo competências****7**

Escreva um texto para defender a seguinte tese: Fumar é prejudicial à saúde. Esta tese deve estar colocada logo no início do texto.

Não se esqueça: antes de começar a escrever é importante que você pense nos argumentos que vai utilizar. Podem ser argumentos de autoridade, que incluam depoimentos de fumantes e ex-fumantes; argumentos baseados em raciocínio lógico (causa-consequência) ou argumentos baseados em dados estatísticos e numéricos.

Para ajudá-lo, relacionamos alguns dos efeitos nocivos do cigarro: perda de cabelo, catarata, formação de rugas, perda de audição, câncer de pele e do aparelho respiratório (pulmões, laringe, faringe, garganta), prejuízos aos dentes, enfisema, osteoporose, doenças cardíacas, úlcera gástrica, alteração nos espermatozoides etc.

A sua conclusão deve reforçar a tese defendida no texto.

Depois que seu texto estiver pronto, peça para alguém da sua família lê-lo e dizer se ficou convencido, se acreditou no que você escreveu.

**NEM SEMPRE AS PESSOAS
CONCORDAM ...**

Você sabe, por experiência própria, que nem sempre as pessoas concordam sobre as ideias, os pontos de vista, as teses. Se concordassem, não haveria debates em que se discutem opiniões sobre assuntos diversos, não é mesmo?

Essa conduta é própria da convivência democrática, em que todos têm direito de expressar suas crenças, suas ideias, suas opiniões sobre todas as coisas.

É claro que, para discordar da tese apresentada por alguém, precisamos considerar com cuidado os seus argumentos, verificando se eles são convincentes, se têm fundamento e se comprovam a tese.

Se discordarmos, por outro lado, precisamos apresentar as razões disso, isto é, os nossos contra-argumentos, que possam comprovar o nosso ponto de vista.

Mesmo quando se trata da aplicação da lei, pode haver divergências entre os especialistas. Tanto é assim que, no Brasil, existem os Tribunais de Justiça para resolver casos em que não haja consenso sobre a aplicação da lei. Vamos ler o texto abaixo para verificar como isso se dá.

Unidade III – Defendendo ideias e pontos de vista

Uma expedição ao coração de uma das maiores regiões preservadas de Mata Atlântica da capital baiana (...) revelou a exuberância e a riqueza da fauna e flora desse bioma. (...) “Importante seria se o poder público desapropriasse a área e a transformasse em área de proteção para evitar ocupações desmedidas”, disse (Tibúrcio Medeiros, geólogo). De acordo com o Código Florestal e decreto 750/93, o corte é proibido em áreas de topos de morro, abrindo uma exceção dessa proibição de corte em áreas urbanas desde que para “intervenções de atividade pública e interesse social”. O que os ambientalistas locais questionam é se esta prerrogativa pode se encaixar em todos os empreendimentos que promovem corte nessas áreas.

BOCHICCHIO, Regina. Grupo excursiona em área preservada de Mata Atlântica. Correio da Bahia, Salvador, 27 maio 2002. Caderno Aqui Salvador, p. 2.

Você deve ter notado que os ambientalistas interessados em preservar a Mata Atlântica, “questionam” a aplicação da lei ao caso examinado.

Como vimos, há sempre quem discorde das ideias e argumentos apresentados para defender uma tese. Isso é possível porque, em geral, quase tudo pode ser visto, pelo menos, de dois pontos de vista: contra e a favor. Mas há também quem não se coloca nem contra, nem a favor.

Você acredita que todos pensem a mesma coisa sobre o trabalho ou o ócio, isto é, o repouso, o descanso do trabalho, a desocupação, a falta de atividade e seus efeitos? Vamos comparar diferentes pontos de vista sobre este assunto.

O sociólogo Italiano Domenico de Masi se tornou conhecido em todo o mundo ao pregar o ócio como solução para os problemas existenciais e econômicos da humanidade. Para ele, as jornadas longas no trabalho são a origem das altas taxas de desemprego e, mais que isso, um desrespeito à natureza humana. “É impossível ser criativo nessas condições. As boas ideias só aparecem quando há tempo livre para pensar”, diz.

Texto 2 - MASI, Domenico de. O ócio é precioso. Veja, São Paulo, n. 12, p. 27, 27 mar. 2002.

Observe e grife em cada texto as palavras ou expressões que são responsáveis por demonstrar cada uma das duas opiniões.

Você deve ter grifado no texto 1: O trabalho é mais importante para a saúde do que o ócio. No texto 2: ... pregar o ócio como solução para os problemas existenciais e econômicos da humanidade.

Toda vez que assumimos uma posição em relação a um assunto qualquer, temos que encontrar os argumentos que justifiquem e que façam a defesa de nosso ponto de vista. Com qual dessas opiniões você concorda? Por quê?

Mas, se existe um regime que me faz bem, é o do trabalho. Trabalho sempre, continuamente. O trabalho é mais importante para a saúde do que o ócio. Nada mais prejudicial que o “ócio com dignidade”.

Texto 1 - LIMA, Barbosa. Entrevista concedida à revista Status. In VANOYE, Francis. Usos da linguagem: problemas e técnicas da comunicação oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p.173.



Desenvolvendo competências

8

As pessoas costumam discutir sobre os prós e contras da televisão, isto é, seus aspectos positivos e negativos.

O quadro abaixo procura apresentar alguns aspectos favoráveis e desfavoráveis à televisão.

Aspectos favoráveis	Aspectos desfavoráveis
<ul style="list-style-type: none"> • Há quantidade e variedade de informações: políticas, esportivas, econômico-financeiras, nacionais e internacionais, e outras. • As notícias são dadas ao mesmo tempo em que ocorrem os fatos, com possibilidade de os telespectadores verem e ouvirem os acontecimentos e até deles participarem. • Existe variedade de filmes, programas de auditório, programas infantis, telejornais e outros. • A televisão pode auxiliar a justiça na medida que investiga crimes, atos de corrupção, de vandalismo etc. • Há exigência de regras relativas ao horário dos programas, bem como à idade de quem pode assisti-los. 	<ul style="list-style-type: none"> • Há programas de má qualidade tanto para os adultos, como para as crianças. • Às vezes, há exageros no relato das notícias e no modo como vão ao ar, explorando aspectos desagradáveis, desumanos e até degradantes. • A pressa e a vontade de dar a notícia em primeira mão muitas vezes podem causar problemas, de modo que, por exemplo, alguém possa ser acusado de alguma coisa e exposto ao público indevidamente. • As crianças que ficam muito tempo diante da TV, sem qualquer atividade física, podem ficar obesas. • Há programas que não respeitam o horário e a idade dos telespectadores e colocam no ar cenas inadequadas, violentas, desagradáveis.

a) Leia com muita atenção quais são os aspectos positivos da televisão e, em seguida, escreva um texto para publicar em um jornal da sua cidade recomendando que as pessoas a assistam sempre. Siga as instruções que lhe foram dadas para escrever um texto que convença o seu leitor: elabore inicialmente uma tese, comprove-a com argumentos (que podem ser tirados do quadro acima) e conclua, reforçando-a.

b) Leia quais são os aspectos negativos da televisão e, em seguida, escreva uma carta aos pais de crianças de uma escola de sua cidade em que você deverá recomendar que elas não fiquem muito tempo diante da TV. Siga as instruções que lhe foram dadas para escrever um texto que convença o seu leitor: elabore inicialmente uma tese, comprove-a com argumentos (que podem ser tirados do texto acima) e conclua, reforçando-a.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não-verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
 - Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos, recursos linguísticos etc, identificando o diálogo entre as ideias e o embate dos interesses existentes na sociedade.
 - Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo, pela identificação e análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
 - Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.
 - Reconhecer que uma intervenção social consistente exige uma análise crítica das diferentes posições expressas pelos diversos agentes sociais sobre um mesmo fato.
-

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

**UNIDADE IV
DAS PALAVRAS AO CONTEXTO**

ENSINO MÉDIO

Unidade IV

Das palavras ao contexto

O QUE SABEM OS FALANTES...

Você já parou para pensar por que, quando deparamos com um amontoado de palavras que desrespeitam a organização natural da língua, ficamos completamente confusos e temos a tendência de rejeitar o que é falado?

Imagine-se na situação abaixo.

Se alguém (falante 1 – F1) perguntasse para você (falante 2 – F2):

F1: – Me onde você por favor João Lisboa poderia Guimarães fica rua a informar?

Você daria uma resposta como a que segue?

F2: – Ali logo fica ah ela. Direita à virar só é, sinaleiro vida até toda seguir, você de direita à vira novo de. Você daí rua na vai já.

Foi possível entender o diálogo? Você conseguiu identificar o que o F1 lhe falou? E a resposta dada? Você conhece, como falante da língua portuguesa, essa organização de frase? Na vida real, vocêalaria assim com um amigo ou algum conhecidoalaria assim com você?

Veja agora:

F1: – Por favor, você poderia me informar onde fica a rua João Lisboa Guimarães?

F2: – Ah, fica logo ali. É só virar à direita, seguir toda vida até a sinaleira; depois você vira à direita de novo. Daí, você já vai estar na rua.

No segundo diálogo, dá para saber qual a mensagem que se deseja passar ou receber?

Podemos perceber que há nele uma conversa entre duas pessoas, por isso pode ser considerado um diálogo. A primeira pessoa pergunta onde fica a rua João Lisboa Guimarães. O que ela quer é uma informação.

A segunda pessoa responde que a rua fica perto de onde supostamente os dois falantes se encontram. Em seguida, começa a explicar o que é preciso fazer para chegar até lá.

Tudo isso nós entendemos porque F1 e F2 seguem uma ordem em sua fala. Essa ordem natural de organização da fala permite que um compreenda o que o outro diz, estabelecendo a comunicação.

É importante perceber que essa ordem ou organização nada mais é do que uma gramática internalizada: um conjunto de regras que todo falante de uma língua tem interiorizado, desde muito pequeno, a partir de suas experiências, envolvendo palavras articuladas como meio de comunicação. Essa interiorização, a princípio, é inconsciente; quer dizer, vai se desenvolvendo sem que a criança se dê conta.

Você já viu, por exemplo, algum adulto explicar regras gramaticais para uma criança a fim de que ela aprenda a falar e tenha consciência desse processo?

Nem precisa. No contato diário com os falantes que a cercam (os pais, os familiares, os vizinhos), a criança vai percebendo a organização da língua e vai aprendendo a construir suas falas. Por isso, nem mesmo uma criança que esteja engatinhando pelo mundo das palavras construiria uma frase como as do primeiro diálogo.

O falante de uma língua é conhecedor de sua estrutura, das formas normais de construção das frases, antes mesmo de saber ler e escrever. E esse conhecimento independe do lugar que habita, da classe social a que pertence, do grau de escolarização que tenha e das variedades que a língua apresente.

VARIEDADES: JEITOS E FALAS DIFERENTES

A aparência externa do corpo humano, na sua opinião, estabelece a diferença (variedade) física entre um ser e outro? Acreditamos que sim. Um ser é mais baixo, outro mais alto; um tem olhos grandes, o outro, pequenos. Enfim, existem muitas variedades para infinitos corpos, contendo uma mesma organização interna (todos têm coração, rim, sangue, veias etc., distribuídos de um mesmo modo).

Na língua portuguesa, encontramos algo parecido com isso. Dependendo do lugar onde vive, da classe social à qual pertença, do nível de escolaridade que tenha atingido, de sua família, de sua idade, de seu grupo de amigos, você dará uma aparência diferente à sua fala. Ou seja, usará a língua de um jeito próprio para se comunicar com os outros.

Esses jeitos diferentes são as chamadas variedades linguísticas ou variedades da língua. Em outras palavras, essas variedades são as aparências que damos ao nosso falar.

Na região onde você mora, há um jeito próprio de se falar (há sotaque, há palavras e expressões próprias da região)?

Pense na situação que segue para entender melhor essa questão do jeito.

Há alguns programas de rádio que são transmitidos em quase todas as regiões do Brasil (às vezes, em todas). Num desses programas, você ouve uma cozinheira dando a seguinte receita de bolo:

Bolo de Macaxeira

Ingredientes: 1 $\frac{1}{2}$ xícara de macaxeira cozida e moída no liquidificador; 3 colheres de sopa de margarina ou manteiga; 2 ovos; 1 $\frac{1}{2}$ xícara de açúcar; 6 colheres de sopa de leite de coco; $\frac{1}{2}$ xícara de farinha de trigo; 1 $\frac{1}{2}$ colher de chá de fermento em pó; 100g de coco ralado.

Modo de Preparo: Coloque a macaxeira, a manteiga, os ovos, o açúcar e o leite de coco no liquidificador e bata até obter uma massa cremosa (se você não tiver liquidificador, pode bater a massa à mão). Junte a farinha de trigo, o fermento

em pó e o coco ralado, misturando tudo suavemente. Unte uma forma redonda com um pouco de manteiga ou margarina e despeje a massa. Leve ao forno (temperatura média) por aproximadamente 40 minutos.

Você anota a receita, mas, na hora de fazer o bolo, há um pequeno problema: você não sabe o que é macaxeira. E, sem esse conhecimento, fica impossível realizar a tarefa satisfatoriamente.

Para resolver o problema, você poderia recorrer a um dicionário, a uma enciclopédia, perguntar a alguém que estivesse mais próximo. É bem provável que descobrisse que macaxeira é um tubérculo como a batata: rico em nutrientes; muito bom para cozinhar, fazer farinha etc.

O mais importante, no entanto, é perceber que, nessa situação, estamos diante de um fato da língua: a variedade linguística regional. De uma região para outra, os objetos, as pessoas, os alimentos podem receber nomes diferentes. O mesmo alimento conhecido como macaxeira em alguns estados brasileiros, será conhecido como aipim e mandioca em outros.



Desenvolvendo competências

1

Em sua opinião, houve falha da cozinheira ou da produção do programa (das pessoas que organizam o programa para que ele vá ao ar) ao dar a receita, levando em conta que ele passa em quase todas as regiões do país? Por quê?

Veja agora um trecho do poema O poeta da roça, de Patativa do Assaré:

Sou fio da mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mio.

(...)

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vive sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

(...)

ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 20.

Na literatura, também encontramos variedades linguísticas que podem nos remeter a realidades diferentes. No poema acima, por exemplo, que realidade Patativa do Assaré nos indica? Que grupo de pessoas ou regiões têm esse jeito de falar?

A variedade linguística utilizada nesse texto nos faz lembrar a realidade sertaneja por dois motivos. Você saberia dizer que motivos são eles?

O primeiro motivo é o próprio tema desse texto. O autor nos fala sobre a realidade do homem da roça (Poeta da Roça), “fio do mato”, que mora em “chupana” “tapada de barro” e fuma “cigarro de paia de mio”. Cada verso (linha poética) do poema vai nos contando como é o poeta da roça: o que o faz, o que pensa, como vive.

O segundo motivo só confirma o primeiro. O autor conta a vida desse homem, utilizando o próprio falar sertanejo. A escolha por essa forma regional da língua é intencional (ele quis escrever

assim o poema), pois Assaré quer aproximar o leitor dessa realidade sertaneja. Ele usa essa variedade como um recurso estilístico (forma de expressão) para compor sua escrita.

Neste texto, então, encontramos uma variedade linguística social, porque a linguagem utilizada nos remete ao jeito de falar de um grupo de pessoas – os sertanejos – que vivem no campo, na roça. Além disso, é também geográfica, considerando a oposição campo/cidade.

A LÍNGUA VAI À ESCOLA...

Se você reparou no subtítulo, deve ter estranhado algo. O quê? A língua vai à escola?! Mas não são os alunos que vão à escola para aprenderem, entre outras coisas, a língua materna? O que você acha?

Estamos vendo, desde o início deste capítulo, que:

- a língua portuguesa possui muitas variedades e
- todos os falantes dessa língua já conhecem pelo menos uma dessas variedades antes de entrarem na escola.

Isso quer dizer que, quando você vai à escola, leva consigo a língua que conhece e, conseqüentemente, a organização dessa língua, sua gramática.

O que acontece, porém, é que, na escola, encontra uma outra variedade da língua – a chamada culta padrão – privilegiada e escolhida como modelo para várias situações de fala e escrita (por exemplo, atividades científicas, literatura, documentos, meios de comunicação como jornais, revistas, televisão).

É importante dizer que o privilégio de uma variedade linguística em lugar de outras se deve sempre a razões históricas, sociais, culturais e, principalmente, econômicas. Isso pode gerar basicamente duas conseqüências:

Unidade IV – Das palavras ao contexto

► O estudo dessa variedade culta pode levá-lo a entender melhor os mecanismos da língua, suas regras, sua ordem. E esse entendimento permite que você escolha como usar a língua nas mais diferentes situações comunicativas. Nesse caso, aprender novas regras e normas é aprender novas possibilidades de uso da língua.

► Esse estudo pode gerar também a ideia de que essa variedade, por ter sido escolhida como padrão, seja mais importante, que sua gramática seja a única correta e que, portanto, todas as outras variedades sejam erradas, inferiores a ela. Essa noção da língua é indesejável, porque leva ao preconceito linguístico: o de que só sabe português quem faz uso da variedade culta padrão.



Desenvolvendo competências

2

Em sua opinião, este capítulo sobre “Língua Materna” foi escrito de acordo com a variedade culta padrão porque:

- as outras variedades linguísticas não padrão são feias, erradas e ilógicas.
- deve ser lido somente por um grupo pequeno de pessoas; de preferência, as que moram em cidades.
- quer excluir os falantes de outras variedades linguísticas, como o “poeta da roça”, que não sabem português.
- todos os brasileiros alfabetizados, de qualquer classe social e qualquer região, devem poder compreendê-la.

UM EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO

Agora que você já tem noção do que seja variedade linguística, podemos estudar um pouco mais o poema apresentado. Releia os versos abaixo:

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vive sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

O que você consegue entender deles? Que informações eles trazem? Que condição social esse “poeta da roça” tem?

Só de ler o texto, podemos depreender (compreender) que o poeta é pobre e, por essa razão, nunca estudou.

Em sua opinião, o jeito de falar desse poeta está relacionado à sua condição social e econômica?

Vejamos. A variedade linguística utilizada por Patativa do Assaré (o autor do texto) imita o jeito

de falar de um grupo de pessoas que vive na roça. Isso não quer dizer que essas pessoas não vão à escola ou não tenham dinheiro.

No entanto, para o poeta da roça, ele tem esse falar justamente porque não foi à escola. Mais ainda: diz não ter “sabença” (conhecimento), valorizando o que se aprende na escola e desvalorizando o que já sabe pela vida.

Mas, se o “poeta da roça” fosse à escola, ele levaria alguma “sabença”? O que você acha?

Ele levaria seus versos, sua experiência como trabalhador do campo e sua língua, que não é menos importante que a culta padrão, mas apenas diferente.

A “sabença” que ele deveria ter é a de que o seu falar diferente da variedade culta padrão possui uma gramática coerente e clara e, portanto, não pode ser considerado errado. O que ele fala tem sentido, tem lógica, tem organização.

PAPOS E PRONOMES: A LÍNGUA E A FORMA

(...)

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.
- Eu falo como quero. E te digo mais...Ou é “digo-te”?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O “te” e o “você” não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. - Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?

(...)

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 65.

Que “papos” são esses? Por acaso você entendeu a situação desse pequeno texto? Uma das personagens quer contar algo que lhe disseram. Você conseguiu saber o que era?

Nós também não conseguimos. Sabe por quê? Porque uma das personagens ficou tão preocupada com a forma, com o jeito de falar da outra personagem, que acabou impedindo que nós, leitores, soubéssemos qual era o assunto em questão.

Do ponto de vista do autor, Luis Fernando Veríssimo, há um objetivo ao escrever um texto assim. Você saberia dizer por que ele construiu

esse diálogo cheio de formas diferentes (“me disseram”; “disseram-me”; “digo-te”; “te digo”; “lhe digo”)?

Esse escritor é conhecedor de muitas variedades linguísticas. Por isso, ele pode escolher o melhor jeito de escrever um texto, pensando sempre em seu leitor e no objetivo de sua mensagem.

No caso do trecho acima, ele faz parte de uma coletânea (conjunto) de textos chamada “Linguagens”. Luis Fernando parece ter o objetivo de mostrar o pedantismo (a “chatice”, a “grosseira”) de algumas linguagens e de algumas pessoas em determinados contextos.

Mas por que isso acontece? Você já esteve numa situação como essa, criticando alguém por sua fala ou sendo criticado?

Se você reparar bem, perceberá que, no texto, uma das personagens diz que é errado falar “me disseram”. Provavelmente, essa personagem esteja baseada naquela noção que vimos sobre o aprendizado da variedade culta padrão: a de que as regras dessa variedade são as únicas certas e, portanto, determinam uma única forma de se falar e escrever corretamente.

A personagem, no entanto, acaba por se fixar em uma regra (a de que o pronome deve vir depois do verbo, “disseram-me”), ignorando que haja outras possibilidades de uso da língua dentro de uma mesma variedade.

Uma pessoa culta (que foi à escola, que conhece a variedade culta padrão) pode perfeitamente escrever ou falar “me disseram” ao invés de “disseram-me” e, mesmo assim, continuar culta. Aliás, é muito comum que nós, brasileiros, falemos assim: “me disseram”, “me dá um copo d’água”, “me passe os livros”.

Logo, podemos dizer que uma variedade linguística permite a seus falantes diferentes formas (jeitos) de usar a língua sem, com isso, alterar o sentido do que é dito.



Desenvolvendo competências

3

Veja agora o poema *Pronominais*, de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

ANDRADE, Oswald. Pau-Brasil. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura, Porto Alegre: Globo, 1990.

Em sua opinião, o poema acima e o diálogo *Papos*, de Luis Fernando Veríssimo, têm alguma coisa em comum?

Sobre o que esses textos falam? Que ideias eles defendem?

A ESCRITA E O MUNDO

Você já ouviu falar em línguas ágrafa e gráfica?

As chamadas línguas ágrafas são aquelas que têm uma tradição exclusivamente oral. Ou seja, são apenas faladas, sem registros escritos. No mundo todo, há centenas delas.

Nessas línguas, não há a noção de erros gramaticais ou de uso inadequado de linguagem como nas línguas gráficas.

A noção de erro vem da tradição escrita da língua. Com base na observação da língua escrita, principalmente a literária, é que se passou a estabelecer as normas (mais conhecidas como regras) para uso das formas e das construções, considerando-se errado tudo que não obedecesse a elas. Atualmente, prefere-se observar se o que se usa está adequado (como veremos mais adiante).

CURIOSIDADES

Em alguns casos, como na China e na Índia, há também a escrita, mas a importância da tradição oral é tão grande que se sobrepõe a qualquer texto escrito. O juramento oral de uma pessoa, por exemplo, não pode ser contestado. Se ela jurar que pagou uma dívida, sua palavra terá peso de verdade e será considerada como tal. Essa tradição oral é levada tão a sério nesses países que até mesmo os assuntos ligados à justiça e ao governo são comandados por ela.

Diante da explicação acima, fica mais claro perceber a que tradição nossa língua materna pertence?

Certamente os temas que regem nossa vida e sociedade são comandados por uma tradição gráfica. Tudo ao nosso redor tem registro escrito. Você já reparou nisso?

Se você vai ao médico porque está gripado, ele logo lhe dá um papel escrito: a receita do remédio mais adequado. É claro que ainda há remédios caseiros, passados de mãe para filha, oralmente. Mas receita do doutor é escrita.

Na escola, você aprende as normas da escrita, faz trabalhos, copia as lições, escreve textos. No final de tudo isso, recebe seus certificados. Escritos, é lógico.

Podemos afirmar, então, que a tradição de nossa língua portuguesa é gráfica, porque nela impera a palavra escrita, que acompanha os nossos passos cotidianos.



Desenvolvendo competências

4

Língua ágrafa no Brasil?

Será que no Brasil, embora nossa tradição linguística seja gráfica, há algum lugar mais distante (sem tecnologia, sem recursos, sem escolas, sem pessoas que saibam ler e escrever) em que a língua portuguesa possa ser considerada ágrafa também? Você conhece algum lugar assim, onde tudo (ou quase tudo) seja apenas falado? Escreva um pequeno texto sobre seu conhecimento desse tema.

Pensemos na seguinte situação:

Você é um sitiante e vende 50 cabeças de boi para um frigorífico de sua cidade. Cada cabeça vale duzentos reais. Sendo assim, o valor total da venda é dez mil reais.

O comprador propõe que o pagamento seja feito em 5 prestações de dois mil reais. Você aceita a proposta, mas precisa se certificar de que os pagamentos serão efetuados.

Como você poderia registrar essa venda e a forma de pagamento, a fim de garantir o recebimento de todo o dinheiro? Acreditar apenas na palavra do comprador? Mas como provar que os bois foram entregues, caso o comprador não pague a dívida?

Por conta dessa dúvida e de tantas outras, podemos dizer que a escrita surgiu como uma forma de solução. Pondo por escrito o trato, ambos – você e o comprador – poderiam ter a garantia de que receberiam aquilo que lhes cabe.

De que forma, porém, vocês escreveriam isso? Que variedade linguística vocês utilizariam? Poderiam escrever como falam?

Vocês teriam que usar uma variedade da língua portuguesa comum a ambos. Quer dizer, teriam que escrever o fato (compra/venda do gado; valor da negociação/condições de pagamento) de uma forma clara, possível de ser lida por ambos e por qualquer pessoa que pegasse esse texto. O ideal é que ele fosse escrito em uma linguagem formal, padrão e, portanto, sem gírias, sem expressões coloquiais ou regionais.

Essa linguagem formal, por ser padrão (modelo conhecido por todas as pessoas alfabetizadas), pode superar as possíveis diversidades (diferenças) entre os receptores de um texto. Ou seja, mesmo que os interlocutores (quem escreve/quem lê) utilizem, no seu dia-a-dia, variedades linguísticas diferentes da culta padrão, se forem alfabetizados, certamente terão condições de entender a mensagem desse documento.

A escrita é uma das várias formas de expressão que as pessoas alfabetizadas podem usar para comunicar algo.

Primeiro: numa cultura como a nossa (de tradição gráfica), ela pode ser garantia de direitos e de definição de papéis (o papel de vendedor/o papel de comprador). Segundo: a garantia e a definição de papéis só se concretizarão se a variedade linguística usada, tanto na fala quanto na escrita, estiver adequada à situação em que é utilizada.



Desenvolvendo competências

5

Fazendo um contrato

Imagine agora que o texto a seguir seja o contrato que você fez com o comprador de seus bois, para garantir o negócio.

“Senhor comprador: estou vendendo os meus bozinhos com muita dó no coração. Mas fazer o quê? Assim é a vida, não é? Espero que você cuide bem deles; trate-os com carinho e chame-os pelos nomes. Ah! Já ia me esquecendo: tem a Joaquina, o Bartolomeu, a Cristeva, o Juquinha... Mas, vamos aos negócios. Vou esperar o seu pagamento naqueles dias que combinamos. Se precisar de mais uns dias, não tenha vergonha de me falar. Um abraço. O vendedor”

Em sua opinião:

- A linguagem que o autor utilizou é apropriada para um contrato de compra e venda, pois é formal, objetiva e clara, sem palavras que indiquem afetividade.
- As informações realmente importantes foram colocadas no texto: os prazos para o pagamento, o valor de cada parcela, como efetuar o pagamento.
- O nome dos bois e vacas vendidos era uma informação fundamental para a realização do negócio.
- A linguagem afetiva e informal utilizada nesse texto não é apropriada para um contrato, pois o autor parece estar escrevendo uma carta pessoal para um amigo.

VARIEDADES E CONTEXTOS

Você já deve ter se dado conta de que há variedades linguísticas também na escrita, ao se deparar, ao longo da vida, com textos diferentes.

Por exemplo, o bilhete que escreveu para sua mãe, dizendo que chegaria mais tarde; o texto do jornal de seu bairro, falando sobre a construção

de uma nova escola; a redação que fez para disputar uma vaga num concurso; o contrato de compra/venda dos bois. Todos são textos diferentes: com finalidades diferentes, escritos em contextos (situações) diferentes e, portanto, com linguagem diferente.

Observe os trechos da letra da música Bye, Bye, Brasil, de Chico Buarque.

(...)

Pintou uma chance legal,
Um lance lá na capital,
Nem tem que ter ginásial,
Meu amor.

(...)

Eu vou dar um pulo em Manaus,
Aqui tá quarenta e dois graus,
O sol nunca mais vai se pôr,
Eu tenho saudade da nossa canção,
Saudades de roça e sertão.

(...)

Eu acho que vou desligar,
As fichas já vão terminar,

(...)

BUARQUE, Chico; MENESCAL, Roberto. Bye, Bye, Brasil. [S.l.]: Philips, 1980.

O que você consegue perceber desse texto? Como foi escrito? É possível dizer algo só lendo o texto?

Acreditamos que seja possível, sim. O texto, escrito para ser cantado, apresenta uma linguagem coloquial, descontraída: o compositor usa gírias (“pintou” uma chance “legal”/ um “lance” lá na capital). Há intimidade entre os interlocutores (quem fala/quem ouve): na expressão “meu amor” e na frase “eu tenho saudade da nossa canção”.

O que ele deseja com isso? Falar para o seu amor como está se sentindo e o que está acontecendo com ele. É como se ele estivesse conversando com esse amor, via telefone. Por isso, sua linguagem pode ser afetiva, sem as preocupações formais da variedade culta padrão da língua. O contexto da letra de música permite essa descontração.

Quando há conhecimento das muitas variedades que a língua portuguesa apresenta, é possível optar pela variedade que melhor se encaixe ao contexto. Foi assim com o compositor. Ele, propositadamente, quis representar a comunicação, via telefone, de um sujeito saudoso de casa e de seu amor. O que ele parece ter percebido? Que ao tentar aproximar sua escrita da “fala ao telefone”, deu mais realidade ao que queria contar.

Observe agora a situação

Um jovem vai a uma entrevista para uma vaga de balconista em uma loja de roupas masculinas, bastante tradicional em sua cidade. Essa loja costuma atender clientes economicamente abastados (ou seja, com bastante dinheiro) e de meia idade (homens com mais de 50 anos). O gerente pede que ele escreva uma redação dizendo por que deseja o emprego, quais são suas qualidades para o cargo e seus objetivos.

“Tô precisando liberar adrenalina nesse trampo! Dá uma reciclada nas ideias. Tipo assim... Sei lá. Botá um bando de coisas maneras no meu modo de pensar. Aí, cê sabe o lance das influências cabeça? Fala sério. Tô super preparado pro cargo. Cê pode me contratar no sossego que, tipo assim, esse cargo tem tudo a ver comigo. Fala sério!”

O gerente lê o texto e diz que o jovem não serve para o cargo.

O que há de estranho na situação acima?

Se observarmos bem a situação e a linguagem utilizada no texto, poderemos entender qual a falha nessa comunicação. Você percebeu que a loja em questão é uma loja tradicional, que atende um público que tem padrão econômico elevado e que, provavelmente, deve falar de maneira mais formal, próxima a uma variedade culta padrão da língua?

O que esse público e o gerente da loja esperam de um novo funcionário é clareza na fala e formalidade para atendê-los.

Como o jovem se apresentou no texto?

“Descolado”: quer dizer, falou de uma maneira totalmente coloquial, usando muitas gírias (expressões próprias de um grupo específico), o que tornou muito difícil entender o que realmente estava dizendo. Afinal, o que é “botar adrenalina nesse trampo”, “lance das influências cabeça”?

Como o jovem deveria ter se expressado nesse contexto? Se você estivesse no lugar dele, escreveria assim?

O problema da situação apresentada não é exatamente escrever certo ou errado, mas se adequar a um determinado contexto, considerando o interlocutor (gerente) e a formalidade da situação.

Todo texto tem sua finalidade e seu sentido. Por isso é preciso que o produtor de um texto leve em consideração as necessidades e expectativas de seus leitores, o tipo de texto que irá escrever e o tipo de linguagem mais adequada ao contexto.



Desenvolvendo competências

6

Contexto comunicativo:

Procure agora reescrever o texto “Entrevista de Emprego”, levando em conta o contexto da entrevista e as expectativas do gerente da loja.

UM CASO DE PALAVRA

Sabe aquelas oficinas de automóvel, especializadas em reparos de motores, que recebem o nome de “Retífica”? Você já viu, onde mora, esse tipo de oficina?

Retífica vem do verbo retificar, que significa corrigir. No caso da oficina de automóveis, é o lugar indicado para corrigir os problemas relacionados ao motor.

Imagine-se, a partir disso, na seguinte situação: Você tem um carro com problemas. Com muito custo, leva-o até a retífica para ser consertado. No final do dia, volta até lá e recebe um bilhete do mecânico, que já havia saído:

Fizemos o conserto do motor.
Ratificamos o problema. Por favor,
acerte o pagamento no caixa.
Valor: R\$ 90,00

O mecânico retificou ou ratificou o erro do seu carro? O que você acha?

Você sabe o que ratificar quer dizer? Ratificar quer dizer confirmar. Daí a confusão de sentido. Naturalmente, a julgar pelo contexto do bilhete, o mecânico quis dizer que retificou o motor (ele

disse que o consertou). Mas empregou mal a palavra ratificar, que, por si só, indicaria apenas a confirmação de que o carro tinha um problema.

Na situação acima, o uso inadequado do verbo ratificar não atrapalhou propriamente o entendimento do bilhete, pois havia o contexto para explicitar (tornar claro) o que o mecânico queria dizer.

Essa mesma troca, porém, poderia causar grandes transtornos em outras situações. Imagine, por exemplo, a seguinte notícia de um jornal televisivo:

EMPRESA RATIFICA AS DEMISSÕES FEITAS NO ÚLTIMO MÊS

Hoje, depois de muitas horas de negociações com representantes de classes, a empresa “Supercomunicações” ratificou a demissão ocorrida, no último mês, quando 260 trabalhadores foram dispensados. De acordo com a assessoria de imprensa da “Supercomunicações”, essa decisão foi tomada a partir de um balanço das contas e dívidas da empresa.

Se você fosse um desses trabalhadores, como entenderia essa notícia?

Veja que, pelo contexto, os representantes da classe trabalhadora ainda estavam em negociação com a empresa e, portanto, ainda tinham esperança de reaver o emprego. Mas a utilização do verbo ratificar derrubou qualquer expectativa boa de negociação. Como não havia mais nada na notícia que pudesse contextualizar mais claramente o uso desse verbo, as demissões, segundo a notícia, foram confirmadas.

Como você ficaria depois disso? Se precisasse do emprego, certamente ficaria desolado,

desesperançoso, triste. Vivenciaria, nesse momento, um grande problema: o desemprego.

Pois bem. Só que, no dia seguinte, você recebe uma convocação para voltar a trabalhar, porque, na verdade, o que a empresa fez foi retificar as demissões. Ou seja, ao fazer um balanço de seu caixa, ela voltou atrás em sua decisão, readmitindo os 260 funcionários.

Final feliz para você. Porém, nessa situação, a troca do fonema /e/ pelo /a/ causou, mesmo que momentaneamente, transtornos e sofrimentos desnecessários.

Essas confusões são comuns para qualquer pessoa, independentemente de seu grau de escolaridade, porque algumas palavras têm grafias muito próximas. O importante é ter atenção para evitar, ao máximo, o emprego inadequado das palavras. Saber como elas são escritas depende de muita leitura, muita escrita, muito empenho. É no contato com os textos, lidos e escritos, que vamos conhecendo as palavras, sua grafia, e vamos nos apropriando de suas formas.



Desenvolvendo competências

7

Escreva um texto que fale sobre outras situações de uso inadequado da palavra. Podem ser situações vividas por você, por alguém que conheça, ou que você tenha visto na televisão, no jornal.

PARA ALÉM DO QUE É DITO

Se você já esteve em uma biblioteca, logo vai reconhecer essa imagem: um livro aberto numa página qualquer, sendo lido distraidamente por um usuário. Imagine-se como esse usuário, passando os olhos por muitos livros e deparando com o seguinte texto:

No dia em que, vestida como um garoto, ela apareceu na frente de Pedro Bala, o menino começou a rir. Chegou a rolar no chão de tanto rir. Por fim, conseguiu dizer:

– Tu tá gozada...

Ela ficou triste e Pedro Bala parou de rir.

– Não tá direito que vocês me dê de comer todo dia. Agora eu tomo parte no que vocês fizer.

O assombro dele não teve limites.

– Tu quer dizer...

Ela olhava calma, esperando que ele concluísse a frase.

– ...que vai andar com a gente pela rua, batendo coisas...

– Isso mesmo – sua voz estava cheia de resolução.

– Tu endoidou...

– Não sei por quê.

Unidade IV – Das palavras ao contexto

– Tu não tá vendo que tu não pode? Que isso não é coisa pra menina? Isso é coisa pra homem.

– Como se vocês fosse tudo uns homão. É tudo uns menino.

AMADO, Jorge. Capitães de areia. São Paulo: Círculo do Livro, [19--]. p. 169.

Qual a primeira coisa que você faria depois dessa leitura descompromissada, solta?

Seria interessante saber o nome do autor, o nome do livro, o ano de sua publicação.

Depois disso, o que você faria? Poderia continuar a ler o texto. Mas nada o impediria de simplesmente pensar sobre o trecho lido.

Por onde você começaria?

Há várias maneiras de se começar a analisar um texto. Nós podemos começar observando o diálogo entre duas personagens: Pedro Bala e “ela”, a menina. Eles conversam sobre uma decisão tomada por ela (“tomar parte do que vocês fizer”).

Mas, há mais coisas, além dessa decisão da menina, que o texto nos fala?

O que, por exemplo, você pode perceber? Como as personagens falam? O que essa fala pode sugerir? Onde você acha que eles moram? Como eles parecem viver?

Acreditamos que sejam pouco instruídas, pela maneira como falam (“tu tá gozada”; “uns homão”, “uns menino”) e pobres, por aquilo que falam: vão para a rua “bater coisas” para conseguirem comida.

Nessa situação, o texto traz as marcas dessa pobreza e desse abandono. O uso de uma variedade linguística não padrão indica que as personagens estão distantes do ambiente escolar. O que falam também nos confirma essa hipótese: eles estão nas ruas, “batendo” coisas para conseguirem comer e, conseqüentemente, sobreviver.

Não sabemos se esse “bater coisas” quer dizer furtar ou pedir. De qualquer forma, são “uns menino” lutando pela própria vida, sobrevivendo sem a proteção do adulto, sem a escola, sem a comida da mãe, sem o direito de ser simplesmente “uns menino”.

Embora, em nenhum momento, o autor do texto nos fale explicitamente (claramente) quais as condições sociais, econômicas e culturais das

personagens, é possível imaginar algumas coisas através do diálogo que mantêm, de seu comportamento, de suas necessidades. Ou seja, é possível identificar características da vida dessas personagens mesmo que elas não nos digam com todas as palavras: “somos pobres, vivemos na rua, não temos pais que cuidem de nós etc”.

Pense um pouco mais sobre as marcas que um texto pode trazer.

No trecho abaixo, temos uma situação do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.

Seu Tomás da Bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1974.

O que o texto diz? O que podemos apreender de Fabiano; quer dizer, o que podemos saber dele?

Podemos entender que Fabiano, “em horas de maluqueira”, desejava imitar seu Tomás da Bandoleira. Mas por quê? Como Fabiano se sente?

Fabiano acredita ser sujeito que não nasceu para falar “certo”. Mas seu Tomás, sim. Segundo Fabiano, seu Tomás é homem letrado que “estragava os olhos” nos jornais e nos livros. E, portanto, na visão de Fabiano, fala “certo”.

Podemos subentender (pressupor) que Fabiano não é homem letrado; quer dizer, homem que foi à escola, que estudou. Essa informação não está no texto, mas é facilmente compreendida.

É o falar certo de seu Tomás que Fabiano deseja imitar? Parece que sim. Mas não é só isso. Ele se surpreende com a capacidade de seu Tomás de ser obedecido sem precisar mandar. Seu Tomás “não sabia mandar”.

Na verdade, Fabiano fica num misto de incredulidade (atitude de quem não acredita) e admiração em relação à postura de seu Tomás. Como um “homem remediado pode ser cortês”?

”Até o povo censurava aquelas maneiras”. Mas, mesmo assim, as pessoas obedeciam a ele.

Dessa incredulidade e admiração de Fabiano também podemos inferir (concluir) que a personagem não está acostumada a ver gente, como seu Tomás, ser cortês, educado. Por isso, fica admirado com suas boas maneiras e sua capacidade de, sem precisar mandar, ver as pessoas obedecerem a ele.

O autor do texto não nos explicou claramente isso. Nós é que vamos completando o que ele disse, caracterizando a personagem e dando um sentido maior para a história de Fabiano.

Como se faz isso? O que você acha?

Podemos dizer que se faz conhecendo a língua materna, estudando suas nuances (diferenças discretas), suas variedades e, sobretudo, seu uso nos mais variados tipos de textos.

Assim, para além do que o autor nos diz, estão os nossos pressupostos; está a nossa capacidade de olhar para o texto e ver o que nele está implícito; ou seja, as ideias que existem, mas que não são ditas claramente.

UMA ÚLTIMA PALAVRA...

E o que fica para você disso tudo que nós falamos neste capítulo?

A língua materna é assunto que nunca se esgota. Tanto é que poderíamos passar infinitas horas estudando suas matérias, falando suas palavras, lendo e escrevendo seus textos e, mesmo assim, não daríamos conta de tudo que ela pode nos proporcionar na vida.

Porém, estudá-la, observá-la, compará-la continua sendo o melhor caminho para compreendê-la. Por isso, paramos por aqui. Certamente, o que você viu neste capítulo já dá muita margem para pensar a língua e os usos que você faz e fará dela.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro, e reconhecer as categorias explicativas básicas da área, demonstrando domínio do léxico da língua.
 - Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as diferentes variedades e identificar os efeitos de sentido resultantes do uso de determinados recursos expressivos.
 - Identificar pressupostos, subentendidos e implícitos presentes em um texto ou associados ao uso de uma variedade linguística em um contexto específico.
 - Analisar, em um texto, os mecanismos linguísticos utilizados na construção da argumentação.
 - Identificar a relação entre preconceitos sociais e usos da língua, construindo, a partir da análise linguística, uma visão crítica sobre a variação social e regional.
-

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

PORTUGUÊS

UNIDADE V

**TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E
INFORMAÇÃO: PRESENÇA CONSTANTE EM
NOSSAS VIDAS**

ENSINO MÉDIO

Unidade V

Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DE INFORMAÇÃO

O telefone, a televisão, um computador ligado na Internet, o rádio, uma carta enviada pelo correio, livros, revistas, placas de rua, caixas eletrônicas de bancos, jornais, embalagens de produtos. Essas coisas estão presentes na vida de quase todos nós e, apesar de parecerem bem diferentes, elas têm algo em comum. Será que você é capaz de dizer o que aproxima coisas com uma aparência tão diferente entre si?

Um bom modo de descobrir a resposta é pensar na utilidade, na função de cada uma delas. Pense em um telefone. Sua principal função é permitir que você se comunique pela voz com alguém à distância.

E a televisão? Com ela você recebe imagens e sons transmitidos de longe. Vê novelas, fica sabendo de notícias do mundo inteiro, assiste a propagandas de produtos, à propaganda política ou a um jogo de futebol.

Um computador ligado à Internet, a rede mundial de computadores, permite o acesso a milhões de informações contidas em outros computadores ligados a essa rede no mundo inteiro.

No rádio, você ouve músicas, notícias, entrevistas, programas esportivos, a previsão do tempo etc. Mesmo que não se dê conta disso, pois pode estar ouvindo o rádio somente para passar o tempo, você está constantemente entrando em contato com informações. Até a música que você ouve está transmitindo informações pela letra ou pelas diferentes emoções que você pode perceber na melodia.

Observe a embalagem de um produto qualquer. Ela contém várias informações impressas, como o prazo de validade, a composição, quem é o fabricante e como entrar em contato com ele.

Parece que todas essas coisas têm realmente algo em comum: a capacidade de transmitir informações ou de permitir a comunicação com alguém que está distante.

CAIXA ELETRÔNICO

Tudo bem, com um telefone, um rádio, uma televisão, um jornal ou uma revista isso parece claro. E com um caixa eletrônico de um banco? Será que ele também pode ser considerado como um meio de se comunicar, de obter informações? Vamos lembrar o que podemos fazer com ele. A primeira coisa que vem à cabeça, é claro, é sacar dinheiro. Mas quando solicita um saque em um caixa eletrônico, você precisa fornecer informações, como o número de sua conta, sua senha e o valor em dinheiro que quer retirar. O caixa eletrônico, então, se comunica com o computador do banco. Este, por sua vez, verifica se você tem dinheiro suficiente na sua conta. A informação retorna ao caixa eletrônico, autorizando ou não o saque. Desta forma, além de sacar dinheiro, você está se comunicando com o banco. Além do mais, em um caixa eletrônico você pode obter diversas informações, como o saldo de uma conta, por exemplo, ou se comunicar com o banco, solicitando empréstimos

Unidade V – Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas

e talões de cheque, entre outras funções. Assim, também podemos considerá-lo um meio de comunicação e de acesso à informação, além do serviço de fornecer dinheiro.

Estamos rodeados de aparelhos, instrumentos e objetos que servem para nos comunicarmos, para armazenar (guardar) e transmitir informações de

todos os tipos. Sem esses meios de comunicação e de informação, teríamos de reinventar o nosso modo de viver, nossa economia, ciência, educação, enfim, toda nossa sociedade.



Desenvolvendo competências

1

Nós falamos de alguns objetos ou meios pelos quais você pode obter informação ou se comunicar. Entre eles, o telefone, a televisão, o computador, a Internet, o rádio, a carta, o livro, a revista, o jornal, placas de rua, caixas eletrônicas de banco, embalagens de produtos.

Liste quais desses meios você já utilizou para obter informações ou se comunicar. Será que você é capaz de lembrar outros objetos ou meios de comunicação e informação além dos citados? Faça uma pequena lista.

COMUNICAÇÃO É VIDA

A comunicação faz parte do processo da vida. Quando nascemos, mesmo antes de começarmos a falar, já nos comunicamos com nossos pais. Apenas pelo choro da criança, uma mãe pode identificar quais são suas necessidades, se ela está com sono, fome ou alguma dor. Para cada necessidade, há um choro diferente. Pelas expressões, gestos e sons emitidos pela criança, a mãe sabe se ela está bem ou não.

Podemos nos comunicar com animais, ensiná-los, conhecer suas emoções, saber se estão alegres ou agressivos. Também podemos observar a comunicação entre eles, os sons que emitem, os sinais físicos de que se utilizam para ameaçar ou se proteger, reproduzir, marcar e proteger um território. Até uma planta pode emitir sinais que alcançam outras plantas por meio de elementos químicos que liberam no ar.

O ser humano, contudo, por meio da fala, da linguagem verbal, desenvolveu uma capacidade de comunicação bem mais complexa do que aquela que encontramos no resto da natureza.

COMUNICAÇÃO A DISTÂNCIA

Antes do surgimento da escrita, quase todas as informações eram transmitidas oralmente. O homem passava de um para o outro, geração após geração, por meio da fala, seus conhecimentos, histórias, tradições e costumes. Para se comunicar à distância, o homem criou técnicas que ainda são utilizadas em nossos dias, tais como sinais luminosos com fogo, sinais de fumaça ou sons de tambores. Essas técnicas, contudo, são limitadas em seu alcance, ou seja, na distância que podem atingir, e também na quantidade de informação que podem transmitir. Antes da invenção da escrita, se você quisesse transmitir uma mensagem complexa, como um acordo comercial ou um conjunto de leis, a um local distante, seria obrigado a percorrer longas distâncias ou enviar outra pessoa para transmitir oralmente sua mensagem, precisando confiar na sua capacidade física e de memória ou na desse mensageiro.

Em uma sociedade complexa como a nossa, com muitas leis e regras sociais, um grande conhecimento acumulado, comércio e educação, a necessidade de encontrar formas de armazenar e transmitir informações é muito grande.

A comunicação oral e as técnicas de comunicação mais simples, como sinais de fumaça, por exemplo, não são suficientes para lidar com todas as situações e necessidades do cotidiano; é preciso que se criem meios mais eficientes para registrar e transmitir as informações.



Desenvolvendo competências

2

Vamos supor que você viva em um local onde só exista a comunicação oral – não se conhece a escrita e nenhuma das tecnologias de comunicação modernas – e que você precise enviar uma mensagem para alguém distante. Como você agiria nesta situação? Lembre-se, você não pode escrever uma mensagem, mandar uma carta ou dar um telefonema. Como você faria?

O SURGIMENTO DA ESCRITA

Com o surgimento de sociedades mais complexas, o ser humano começou a criar formas de registrar informações e de se comunicar, sem a necessidade do contato pessoal, da comunicação direta, por via oral, entre a pessoa que está falando e a pessoa que está ouvindo.

A invenção da escrita é um dos maiores marcos da história da humanidade. Com ela, o ser humano se tornou capaz de acumular uma quantidade de informações e conhecimentos milhares de vezes maior do que permitia a transmissão oral. Além disso, o envio de mensagens escritas se tornou um meio muito mais eficiente de comunicação. A carta, ainda hoje, é um dos principais meios de comunicação da humanidade. Os correios, que realizam o serviço de envio da correspondência, são encontrados em todo o mundo.

TÉCNICA E LINGUAGEM

Os sumérios, uma antiga civilização que se desenvolveu há mais de 5000 mil anos, na Mesopotâmia, uma região localizada onde hoje é o Iraque, no Oriente Médio, criaram uma forma de escrita utilizando blocos de argila que eram marcados com o auxílio de pequenos estiletos. Esses blocos eram depois cozidos em fornos, formando placas de cerâmica. Utilizando essa

técnica de registro, conhecida como escrita cuneiforme, pois seus traços têm forma de cunha, os vários povos que ocuparam essa região na antiguidade nos deixaram placas com textos como obras literárias e religiosas, fórmulas mágicas, cartas, tratados de astronomia, medicina, códigos de leis, anotações comerciais e outros tipos de texto. Por meio desses textos, podemos conhecer hoje grande parte daquelas culturas, como viviam e os conhecimentos da época.

No antigo Egito, escrevia-se por meio de hieróglifos, uma escrita feita com desenhos, em pedras, monumentos como as pirâmides, em blocos de argila ou em papiros, que eram folhas feitas com a planta do mesmo nome e que eram unidas e guardadas em forma de rolos.

Observe que o surgimento de sistemas de escrita, como a escrita cuneiforme e os hieróglifos, ocorre em conjunto com o desenvolvimento das técnicas de registro, como as marcas de estilete na argila, o entalhe em pedra e em madeira ou a pintura em papiros e tecidos.

A linguagem escrita e as técnicas de comunicação e informação se desenvolveram ao mesmo tempo e não podemos conhecer uma sem a outra.

DIFERENTES LINGUAGENS NAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A LINGUAGEM E AS PALAVRAS

Quando falamos em linguagem, em geral a primeira coisa que vem à cabeça é a palavra falada ou escrita, a comunicação verbal. Existem, contudo, outras formas de linguagem que não são verbais. Quando nos comunicamos, usamos, além das palavras, gestos, expressões faciais e outros sinais que também transmitem informações e que têm uma linguagem própria. Às vezes, percebemos que alguém quer dizer exatamente o contrário do que diz, apenas pela expressão do rosto. Indo mais além: quando você aprecia uma pintura, uma

escultura ou ouve a melodia de uma música, está entrando em contato com linguagens artísticas que podem transmitir ideias, emoções, até mesmo visões de mundo, sem a utilização das palavras. O mesmo acontece com a dança. Ao lermos um jornal, a foto que está ao lado da notícia pode significar mais para nós do que o que está escrito. Sendo assim, uma primeira forma de pensar nas diferentes linguagens é identificá-las como verbais e não-verbais, isto é, se usam palavras ou não.



Desenvolvendo competências

3

Observe estas duas placas de sinalização. Elas transmitem a mesma mensagem, mas uma usa a linguagem verbal e a outra a não-verbal. Identifique-as.



LINGUAGEM E MEIOS

Além de podermos classificar uma linguagem como verbal e não-verbal, podemos considerá-la quanto ao meio pelo qual a recebemos, pelos sentidos que utilizamos para receber a mensagem. Por exemplo, quando você ouve uma música ou escuta a fala de outra pessoa, a mensagem é transmitida por meio do som que chega aos seus ouvidos. Nesse caso, você está usando a sua audição. Quando lê um livro, assiste a um filme, observa uma fotografia ou usa a linguagem de sinais, a mensagem é transmitida por meio de imagens para a sua visão. Podemos, então, classificar uma linguagem como auditiva (sonora) ou visual.

Mas será que essas são as únicas possibilidades? E no caso de um livro em braile? No braile, a leitura é feita passando-se o dedo sobre o texto, escrito por meio de pequenos pontos em relevo, o que permite a leitura por pessoas com deficiência visual. Hoje em dia, é possível encontrar textos em braile nos botões dos elevadores mais modernos, nos cardápios de algumas lanchonetes, além das bibliotecas de livros em braile. Nesse caso, não se usa a visão nem a audição, mas sim o tato. Também podemos apreciar uma escultura ou uma estátua através do nosso tato, fechando os olhos e sentindo a escultura com as mãos.

OUTROS MEIOS

Podemos usar até os cheiros para nos comunicar. Pode parecer estranho à primeira vista, mas, se pensarmos na natureza, veremos que a comunicação por meio de odores é uma das mais importantes. Animais usam constantemente odores para marcar seu território, encontrar os parceiros para a reprodução, identificar membros de um mesmo grupo ou ameaçar outros animais. As formigas possuem um complexo sistema de comunicação por meio de odores químicos. Nós também usamos odores como forma de comunicação. Conforme a ocasião, podemos usar um perfume com a intenção de atrair ou nos

tornarmos agradáveis aos outros. O ser humano possui receptores químicos que sentem os hormônios de outra pessoa e nos fazem ficar atraídos por ela, mesmo sem o percebermos conscientemente. Outro exemplo: as indústrias colocam um odor no gás de cozinha que serve como sinal que nos avisa quando ocorre um vazamento. Em relação às tecnologias de comunicação, já está disponível uma tecnologia que permite a transmissão de odores por meio de equipamentos conectados a computadores via Internet. Se ela terá alguma função prática ainda não podemos dizer. Você é capaz de imaginar alguma?

Em informática, usa-se muito a expressão “multimídia”. Esta palavra do inglês significa “multimeios”, que utiliza mais de um meio simultaneamente, isto é, ao mesmo tempo. A televisão, por exemplo, é um meio visual e sonoro, você ouve o som e assiste às imagens. Um computador multimídia nada mais é do que um computador que apresenta imagens e sons.

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E AS CARACTERÍSTICAS DE LINGUAGEM

Cada tecnologia de comunicação e informação utiliza linguagens próprias que podem ser caracterizadas, como já vimos, como verbais e não-verbais e, de acordo com o meio, como visual, sonora, tátil ou olfativa. Note que um meio de comunicação como o jornal, que é um meio

visual, pode utilizar linguagens verbais e não-verbais simultaneamente, como, por exemplo, ao apresentar textos e fotos. Algumas tecnologias também podem ter características multimeios, como a televisão, que pode transmitir áudio e imagem ao mesmo tempo.

**Desenvolvendo competências****4**

No quadro abaixo, identifique as características dos meios de comunicação na primeira coluna, marcando um X nas colunas com as características correspondentes.

Lembre-se de que eles podem apresentar mais de uma característica simultaneamente.

	linguagem		meios		
	verbal	não-verbal	visual	sonoro	tátil
rádio					
jornal					
livro em braile					
telefone					
carta					
televisão					

ÁREAS TECNOLÓGICAS

Até aqui, você pôde classificar e compreender os meios de comunicação e informação de acordo com a linguagem utilizada. Nós também podemos classificá-los por suas características materiais, físicas, pelo tipo de tecnologia utilizada. Vamos dividir as tecnologias de comunicação e informação em três áreas ou grupos principais: tecnologias gráficas, eletroeletrônicas e da informática.

TECNOLOGIAS GRÁFICAS E DE IMPRESSÃO

Mesmo nos lugares mais afastados das grandes cidades, conquistas como o telefone e a televisão estão cada vez mais presentes. Somos colocados em contato com essas tecnologias desde pequenos e, por estarmos acostumados a elas, muitas vezes esquecemos que elas são muito recentes na história da humanidade. Invenções como a fotografia e o telefone têm menos de 200 anos e a televisão chegou ao Brasil há pouco mais de 50 anos. Durante quase cinco mil anos, praticamente, as únicas técnicas de registro de informação e de comunicação foram as que utilizam processos gráficos, ou seja, por meio de imagens ou palavras.



Desenvolvendo competências

5

Olhe à sua volta e veja se você consegue encontrar facilmente algum objeto ou lugar onde há um texto ou imagem gravada ou impressa. Pode ser um livro, um cartaz, uma placa de rua, um folheto de propaganda, a embalagem de algum produto, um jornal ou uma revista. Faça um lista desses objetos, anotando os diferentes materiais usados como suporte para a impressão, como papel, madeira, tecido etc. Classifique-os de acordo com a utilidade de cada um – pensando na finalidade para que eles foram feitos – formando grupos de objetos com a mesma utilidade.

Das técnicas manuais às tecnologias industriais

Durante muito tempo, todas as técnicas de registro gráfico foram artesanais. Você se lembra da escrita cuneiforme, dos antigos sumérios, de que falamos anteriormente? Cada texto era feito à mão, individualmente, e para fazer uma cópia era necessário escrever tudo novamente. O mesmo acontecia na Europa durante a Idade Média. Os textos eram manuscritos, isto é, escritos à mão, em um trabalho artesanal realizado principalmente pelos monges. A técnica consistia em desenhar as palavras com a ponta de uma pena de ave, mergulhada na tinta, utilizando principalmente pergaminhos feitos com peles de animais, guardados em rolos ou com suas folhas unidas na forma que acabou dando origem ao livro.

Digamos que você tenha de copiar à mão, utilizando lápis e papel, um livro, com mais de cem páginas, por exemplo. Pense no tempo que você levará para produzir essa cópia. E se você tiver de fazer inúmeras cópias? Isso exigirá muito tempo e trabalho.

Duas invenções vieram revolucionar os processos de registro, barateando e expandindo enormemente sua produção e permitindo o surgimento das primeiras tecnologias modernas de impressão: o papel e a imprensa.

O papel e as primeiras técnicas de impressão

O papel, surgido há mais de dois mil anos na China, começou a ser usado na Europa durante a Idade Média. Ele pode ser produzido com qualquer fibra vegetal, como a madeira. Com o desenvolvimento de técnicas industriais de produção, tornou-se um material muito barato para a produção de trabalhos gráficos.

Aliada à utilização do papel, a criação de técnicas de impressão veio baratear e acelerar a produção gráfica. Os primeiros processos de impressão, assim como o papel, tiveram sua origem no Oriente. Por volta do século XIV, foram trazidos para a Europa os primeiros blocos de madeira entalhada para impressão. Essa técnica consiste em entalhar blocos de madeira formando o desenho ou texto que se quer imprimir. Depois, passa-se a tinta sobre esse bloco e comprime-se a folha onde fica impresso o desenho, em um processo semelhante ao uso de um carimbo. No Brasil, muitos livros da literatura de cordel ainda são impressos por meio dessa técnica. Na Idade Média, os blocos de madeira entalhada eram usados, principalmente, para imprimir imagens de santos e cartas de baralho.

O surgimento da imprensa

Apesar da existência dessas técnicas, o surgimento da imprensa, que possibilitou a reprodução rápida e ilimitada da escrita ou da palavra, se deu com a criação da imprensa de tipos móveis, atribuída ao alemão Johann Gutenberg, tendo como marco a publicação da primeira bíblia impressa, em 1455.

O tipo móvel é uma peça, em geral feita de metal, com o desenho em relevo de uma letra, um número ou sinal para impressão. Cada letra é montada lado a lado, para formar as palavras e as linhas do texto. Essas linhas são unidas em blocos, formando as páginas. Esses blocos de texto são colocados na prensa e, sobre eles, passa-se a tinta. Em seguida, a folha de papel é prensada contra os blocos de impressão, absorvendo a tinta, em um método que permite fazer um grande número de cópias em pouco tempo. Depois de feita a impressão, os blocos podem ser desmontados e os tipos reaproveitados em outras publicações. Comparada à impressão em blocos de madeira talhada, em que cada página é feita

artesanalmente, não podendo ser reaproveitada na impressão de outros textos, a utilização de tipos móveis acelerou o processo de impressão, levando a uma incrível expansão da imprensa em poucos anos – mais de oito milhões de livros foram impressos apenas entre 1450 e 1500.

Outras tecnologias de impressão

A técnica de impressão com tipos móveis, que acabamos de conhecer, chamada tipografia (escrita com tipos), atualmente é apenas uma entre as diversas técnicas existentes, que não param de ser criadas e desenvolvidas. As grandes impressoras industriais produzem milhares de páginas impressas por minuto, com qualidade excepcional. A atual tecnologia criou impressoras para uso com computadores que qualquer pessoa com pouco conhecimento pode usar em casa ou no escritório.

O jornal: primeiro meio de comunicação de massa

Com certeza, você já deve ter lido algum jornal ou revista e não é difícil que haja um ou até mais jornais publicados em cidades da sua região. O jornal é um dos meios de comunicação mais comuns em todos os lugares. Ele é uma publicação periódica, ou seja, que se repete em intervalos regulares de tempo, donde tem origem seu nome: jornal quer dizer a mesma coisa que diário. Sua característica principal é trazer as notícias do dia-a-dia.

O grande crescimento dos jornais ocorreu com o desenvolvimento das tecnologias de impressão, no começo do século XIX, a partir da criação de impressoras mecânicas, industriais. Com a explosão do número de jornais, do barateamento e do aumento da produção, o jornal se tornou o primeiro grande meio de comunicação de massa, isto é, um meio de comunicação que pode atingir uma grande parcela da população, as grandes massas populacionais existentes nas cidades.

A palavra imprensa, que no começo significava apenas a máquina de impressão, hoje também é usada para designar o conjunto de todas as publicações impressas, como jornais e revistas,

Unidade V – Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas

além dos próprios jornalistas e repórteres que se qualificam como sendo da “imprensa escrita” e até mesmo os jornalistas do rádio e da televisão, qualificados como da “imprensa falada”.

TECNOLOGIAS ELETROELETRÔNICAS AUDIOVISUAIS

Como vimos no caso do jornal, o surgimento de novas técnicas, de novas tecnologias de impressão, determinou o surgimento de um novo meio de comunicação e informação. Mas não foi apenas no caso das tecnologias de impressão que isso aconteceu. Graças ao domínio da eletricidade, foram criadas novas tecnologias que revolucionaram a comunicação, permitindo a transmissão de imagens e sons.

O telefone

Em 1876, nos Estados Unidos da América, Alexander Graham Bell apresentou ao mundo uma nova tecnologia que permitia pela primeira vez que a voz fosse transmitida, usando a eletricidade conduzida por um fio elétrico que ligava dois aparelhos distantes entre si. Era o surgimento do telefone, um novo meio de comunicação que transformou completamente o mundo. Hoje em dia, parece impossível viver sem ele. Muitas comunidades distantes sofrem por não ter acesso a um telefone, não podendo se comunicar de forma rápida com outras localidades para pedir auxílio, falar com parentes distantes, ficando sem uma série de outras facilidades que o uso do telefone propicia.

A importância do telefone está ligada às suas características tecnológicas. Veja uma comparação entre algumas características do telefone e de um impresso.



Desenvolvendo competências

6

Telefone	Impresso
Sonoro. Permite a linguagem verbal oral.	Visual. Permite a linguagem verbal escrita.
A comunicação é imediata – ela se faz no instante da ligação – e simultânea – você fala e ouve ao mesmo tempo.	A comunicação não é imediata – você lê após a publicação – e não há a possibilidade do diálogo no instante da leitura.
A comunicação se dá diretamente entre quem está se comunicando.	Necessita de meios de transporte. Um jornal ou um livro precisam ser levados fisicamente.
Permite a comunicação, mas não o registro de informações.	Permite a comunicação e o registro de informações.

Com base na comparação do quadro anterior, procure determinar qual seria o melhor meio – escolhendo entre um telefone, um livro ou uma carta - para usar nas seguintes situações:

- você precisa entrar em contato urgente com alguém distante;
- você precisa enviar a uma empresa seu currículo, que é o conjunto de dados sobre o estado civil, o preparo profissional e as atividades anteriores de quem se candidata a um emprego;
- você quer narrar uma história e quer que ela possa ser conhecida por muitas pessoas, por longo tempo;

- você quer fazer uma reclamação e quer ter a certeza de que ela será recebida;
- você quer transmitir para todas as pessoas um conhecimento que adquiriu por meio de estudos;
- você quer convidar um amigo ou amiga para sair no mesmo dia.

O rádio

Você já deve ter ouvido um rádio muitas vezes na sua vida, mas é bem possível que nunca tenha pensado na semelhança entre ele e o telefone. Observando os dois, notamos que ambos têm, como principal característica, a capacidade de transmitir sons à distância. Mas, enquanto o telefone precisa de um fio elétrico ligando os aparelhos, a tecnologia de radiotransmissão permite a transmissão por meio de ondas eletromagnéticas, popularmente chamadas de ondas de rádio, que atravessam o espaço sem precisarem de um fio condutor. Outra característica que diferencia a tecnologia de telefonia da tecnologia de radiotransmissão é que o telefone permite a transmissão simultânea nos dois sentidos da linha. O aparelho de rádio que temos em casa é somente um receptor.

E, no caso dos rádios de comunicação, com os quais você pode falar e ouvir? Se você já usou ou viu alguém usando um desses rádios de comunicação, deve ter percebido que não é possível falar e ouvir ao mesmo tempo. Enquanto está transmitindo, o rádio não tem a capacidade de receber.

Outra característica marcante do rádio é que um número infinito de rádios podem sintonizar uma estação transmissora ao mesmo tempo. Enquanto o telefone permite uma comunicação individual, o rádio permite uma comunicação coletiva.

Por todas essas características, o rádio acabou se tornando um novo meio de comunicação de massa. Ouvir rádio, além proporcionar diversão, é um poderoso meio de transmitir informações a um grande número de pessoas simultaneamente.

Interação entre tecnologias

Muitas tecnologias novas são criadas a partir da união entre diferentes tecnologias. O telefone celular usa as ondas de rádio para realizar a comunicação com antenas que, por sua vez, estão ligadas à rede telefônica. Do lado contrário, as redes de telefone utilizam ondas de rádio para fazer ligações entre locais distantes, como no caso de alguns interurbanos. O aparelho de fac-símile, ou fax, como é mais chamado, usa a rede telefônica para transmitir imagens. Também existem aparelhos de fac-símile que transmitem imagens por meio de ondas de rádio.

Televisão, visão a distância

Ela foi inventada no começo do século XX, mas, somente na segunda metade desse século, ela começou a ser conhecida pela maior parte da humanidade, transformando-se no maior meio de comunicação de massa já visto pelo homem até então. É quase impossível achar um recanto do planeta onde ela não esteja presente.

A televisão usa os mesmos princípios do rádio para sua transmissão, por meio de ondas eletromagnéticas que atravessam o espaço. Contudo, sua característica marcante é a capacidade de transmitir imagens. Ela é uma tecnologia audiovisual. Atualmente, com o auxílio dos satélites, podemos ver “ao vivo”, no momento em que está acontecendo, algo do outro lado do mundo. Se estamos passando pelo processo de globalização, com os meios de comunicação interligando o mundo de forma quase instantânea, grande parte desse processo deve-se a ela.

Unidade V – Tecnologias de comunicação e informação: presença constante em nossas vidas

A tecnologia da televisão é empregada não só na própria televisão como meio de comunicação de massa, mas em diversas outras áreas onde é necessária. Com a criação do vídeo, vários anos depois da invenção da televisão, foi possível fazer o registro das imagens. É claro que o cinema também possibilita a gravação de imagens em movimento, mas o vídeo tem um custo muito menor e maior praticidade, além de permitir a transmissão instantânea, a chamada transmissão “ao vivo”.



Desenvolvendo competências

7

As imagens em vídeo são usadas em diversas áreas. Anote em uma folha quais das seguintes formas de uso dessa tecnologia você já observou em sua vida e descreva as situações em que foram observadas:

- como forma de registro e observação em experimentos científicos;
- em sistemas de vigilância em bancos, edifícios etc.;
- no controle de trânsito nas cidades;
- no jornalismo;
- como forma de expressão artística.

Você também pode anotar outros exemplos de uso que não estejam presentes na lista anterior.

TECNOLOGIA DA INFORMÁTICA

Você já ouviu as expressões “revolução digital” ou “era da informática”? Sabe o que elas significam? Você deve ter percebido que elas se referem aos computadores. Mas por que podemos dizer que vivemos na era da informática, que vivemos uma revolução causada por eles, pela tecnologia digital?

Primeiro, é preciso saber o que é e para que serve um computador. Computar quer dizer fazer contas. Ele foi criado exatamente para isso, para solucionar problemas matemáticos. O computador, em essência, é uma máquina eletrônica que faz cálculos, uma supercalculadora que só é capaz de somar ou subtrair de 1 em 1. Essas máquinas, no entanto, são utilizadas em quase todos os ramos

da vida moderna, servindo para as mais diversas finalidades.

Ocorre que o computador é programado para traduzir qualquer dado ou informação em números, usando apenas os dígitos 1 e 0. Como se só existissem essas duas possibilidades, sim ou não, ligado ou desligado, 1 ou 0. Esta é a unidade de informação do computador, o bit.

Bit – Do inglês bi(nary)+(dig)it “dígito binário”. Unidade de medida de informação, igual à menor quantidade de informação que pode ser transmitida por um sistema.

Quando você digita uma letra qualquer em um computador, esta letra é representada por números, usando somente o dígitos 1 e 0 em diferentes combinações. É por isso que a linguagem do computador é chamada digital.

O que diferencia o computador de uma simples calculadora é a enorme capacidade que ele tem de armazenar e tratar todo tipo de informação no formato digital. Os textos de uma biblioteca inteira podem caber dentro de um único computador. Se, a princípio, ele foi criado para auxiliar na resolução de problemas matemáticos complexos, hoje ele é a principal tecnologia de comunicação e informação do mundo.

A informática é a ciência que visa ao tratamento da informação através do uso de equipamentos e procedimentos da área de processamento de dados.

Estrutura de um computador

Vejamos as principais partes de um computador.

- 1) Unidades de entrada – é por onde o computador recebe os dados e comandos. Alguns exemplos: o teclado, o mouse, unidade de disco (onde se coloca o disquete), leitor de CD, conexão com outros computadores, modem, microfone etc.
- 2) Unidade de processamento – é o “cérebro” do computador, é onde são feitos os cálculos.
- 3) Memória – o computador possui um sistema de memória onde as informações são registradas no formato binário, 0 ou 1, por meio de impulsos eletromagnéticos. Essas informações são usadas durante o processamento de dados. Ela é diferente da capacidade de armazenar dados.

4) Unidades de armazenamento – é onde ficam registradas todas as informações que precisam ser guardadas.

5) Unidades de saída – é por onde o computador transmite os dados. Alguns exemplos: o monitor, caixas de som, disquetes, gravadores de CD, modem etc.

A Internet

A união entre as tecnologias da telefonia e da computação permitiram o surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação, como a Internet, a rede mundial de computadores, e o e-mail, o correio eletrônico, um meio totalmente novo de se comunicar e que ocupa espaço cada vez maior na nossa sociedade. Em muitas cidades, já existem centros de computação comunitários ou bares que oferecem acesso à Internet.

Mas o que é a Internet? A resposta que sempre ouvimos é que ela é uma rede mundial de computadores. Mas o que é uma rede de computadores? Cria-se uma rede de computadores quando eles são conectados entre si, permitindo a comunicação direta entre um computador e outro. No caso da Internet, usa-se o sistema telefônico para conectar computadores do mundo inteiro, formando uma rede mundial. Para isso, foi criado um aparelho chamado **modem**, o qual transforma as informações do computador em sinais elétricos que podem ser transmitidos pela linha telefônica. Quando se conecta à Internet, você pode se comunicar com qualquer outro computador que também esteja ligado à rede, em qualquer lugar do mundo.

A primeira comunicação entre dois computadores usando um modem e uma linha telefônica foi realizada em 1969. A ARPANET foi a primeira rede criada ligando universidades dos Estados Unidos. Já a Internet, na sua criação, foi um projeto dos militares norte-americanos que tinham como objetivo manter um sistema de comunicação em caso de uma guerra nuclear. O que eles talvez não tenham previsto foi o crescimento da rede e a possibilidade de seus atuais inimigos também utilizarem esta rede.

Serviços da Internet

Apesar de muitas pessoas acharem que Web e Internet são sinônimos, a Web, onde estão as páginas ou sites de que tanto ouvimos falar, é apenas uma das áreas da Internet. Além da Web, a Internet possui muitos outros serviços, tais como:

- correio eletrônico, o famoso e-mail, que permite enviar mensagens para o endereço eletrônico de uma pessoa. Essas mensagens ficam armazenadas no computador de destino onde podem ser lidas ou impressas;
- bate-papo, o chat. Com ele você pode conversar (digitando no teclado e lendo na tela do computador) com uma pessoa em outro computador;
- grupos de notícias ou discussão, os newsgroups. Eles permitem que sejam enviadas mensagens para um grupo de pessoas que têm algum assunto ou interesse em comum;
- Protocolo para Transferência de Arquivos, o FTP – File Transfer Protocol. Permite que você receba (download) e envie (upload) arquivos digitais pela Internet;
- a Web – World Wide Web (www)

A Web, junto com o e-mail, é responsável pela popularidade da Internet. Se a Internet já tem mais de 30 anos, a Web é bem mais recente, ainda não completou dez. Antes da Web, a Internet só utilizava textos e, apesar de já ser importantíssima para as universidades e para os governos, era desconhecida do público. Com a Web, tornou-se possível transmitir pela Internet documentos contendo textos e imagens que são visualizados na tela do computador, além de sons. Cada documento que você visualiza é uma página da Web. Outra característica é o uso do hipertexto. O hipertexto é um documento que pode incluir ligações para outras partes desse ou para outros

documentos. Essas ligações são partes do texto ou imagem que você pode clicar chamados de hiperlinks ou simplesmente links. Quando você clica em um link, um novo documento é trazido até seu computador. Clicando de link em link, você pode saltar de página em página. É o que chamamos de navegar na Internet.

O site (sítio, lugar) é um lugar virtual, um endereço na Internet onde você encontra páginas Web de uma mesma pessoa ou instituição. Existem endereços de milhares de empresas, organizações não governamentais, governos, universidades e pessoas interessadas em publicar informações. Por permitir que qualquer pessoa possa ocupar seu espaço no mundo virtual e acessar milhares de informações de todo mundo, a Internet é considerada um dos meios de comunicação mais democráticos do mundo. Para quem tem acesso a um computador, é claro, o que ainda não é uma realidade para a maioria da população de baixa renda.

Comunicação democrática

O uso de tecnologias digitais de comunicação e informação tem crescido tanto e se tornado tão importante, que se pode considerar a falta de acesso a computadores e à Internet como um fator de exclusão social. Já existe uma expressão cada vez mais usada para referir-se a pessoas que não têm acesso ou não sabem usar um computador: são os “analfabetos digitais”. Parece exagero, mas uma das coisas que determinam a importância dessas tecnologias é a possibilidade quase instantânea de acesso e troca de informações em nível mundial, e o acesso e o controle das informações são uma das principais formas de dominação e de poder.



Desenvolvendo competências

8

A Internet e você.

Você já usou ou usa a Internet? Se usa, procure recordar de que forma ela é mais utilizada. Visitando sites, fazendo compras, pagando contas, usando o e-mail ou como diversão?

Observe se, na região onde você reside, há a possibilidade de acesso fácil a essas tecnologias.

Mesmo sem ter acesso a elas, você acha que elas influenciam sua vida? Como?

UM MUNDO DOMINADO PELA COMUNICAÇÃO

Você já parou para pensar como a comunicação e a oportunidade de acesso à informação têm importância fundamental em todos os aspectos da vida moderna?

Imagine que você trabalha numa empresa ou tem um negócio próprio e deseja que esse negócio ou empresa cresça. Como você poderia conseguir esse crescimento? Bem, você poderia procurar novas oportunidades de negócios, melhores preços para compra e venda, novos métodos de produção e de gerenciamento, enfim, vários modos de melhorar e desenvolver sua empresa. Muito bem, mas de que forma você poderia descobrir os melhores preços, lugares onde você pode comercializar seus produtos, novos métodos de produção? São informações que você precisa conseguir de alguma maneira. Para isso existem dezenas de tecnologias de informação e de comunicação que permitem que tenhamos acesso às informações de que precisamos. Para cuidar de uma empresa, é fundamental saber utilizar essas tecnologias. Uma informação incorreta pode levar uma empresa à falência. A comunicação com clientes, fornecedores, concorrentes, instituições bancárias, funcionários, enfim, com todo o mercado é um dos aspectos fundamentais de qualquer negócio.

Além disso, como funcionário de uma empresa, sabendo utilizar as tecnologias de comunicação e informação, você pode ter um melhor desempenho no trabalho, tendo melhores chances de manter ou conseguir promoções nesse emprego. Você também pode conhecer melhor seus direitos e deveres como trabalhador e defendê-los, entre

diversas outras vantagens que o acesso à informação adequada possibilita.

Agora imagine que você é um trabalhador rural, com uma pequena propriedade para sustendo próprio. A possibilidade de comunicação e acesso à informação pode significar a diferença entre a miséria e a prosperidade. Obtendo informações sobre a previsão do tempo que é feita por institutos meteorológicos, você pode escolher a melhor época para realizar o plantio, evitando assim a perda da colheita por problemas com o clima. Com informações de técnicas agrícolas, você pode aumentar sua produção, utilizando melhores técnicas de plantio e irrigação ou combatendo pragas. Através da informação, você pode encontrar financiamentos para sua lavoura.

Em qualquer aspecto da nossa vida, utilizamos tecnologias de comunicação e informação praticamente todos os dias. Conhecer e saber utilizar essas ferramentas é fundamental para nossa vida. Com um maior acesso à informação podemos tomar decisões mais conscientes, sabendo fazer escolhas mais adequadas para nossa vida pessoal, profissional, isto é, no trabalho, na nossa vida social, política, exercendo nossos direitos de cidadão, nos desenvolvendo e crescendo como indivíduos, tomando nossas decisões e definindo os rumos do presente e futuro de nossas vidas, da sociedade em que vivemos, enfim, de um mundo que se encontra quase que totalmente interligado por meio dessas tecnologias de comunicação e informação.

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Reconhecer a função e o impacto social das diferentes tecnologias de comunicação e informação.
 - Identificar, pela análise de suas linguagens, as tecnologias de comunicação e informação.
 - Associar as tecnologias de comunicação e de informação aos conhecimentos científicos, aos processos de produção e aos problemas sociais.
 - Relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades e ao conhecimento que elas produzem.
 - Reconhecer o poder das tecnologias de comunicação como formas de aproximação entre pessoas/povos, organização e diferenciação social.
-